

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

Tainá dos Santos Oliveira

A VOLTA PARA CASA:

Por um modo de ocupação militante dos espaços construídos

Niterói
2022

TAINÁ DOS SANTOS OLIVEIRA

A VOLTA PARA CASA

Por um modo de ocupação militante dos espaços construídos

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Psicologia. Linha de pesquisa: Subjetividade, Política e Exclusão Social.

Orientador:

Prof. Dr. Danichi Hausen Mizoguchi

Niterói
2022

TAINÁ DOS SANTOS OLIVEIRA

A VOLTA PARA CASA

Por um modo de ocupação militante dos espaços construídos

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Psicologia. Linha de pesquisa: Subjetividade, Política e Exclusão Social.

Aprovado em: _____ de _____ de 2022.

BANCA EXAMINADORA:

Danichi Hausen Mizoguchi – UFF – Orientador

Marcelo Santana Ferreira – UFF

Silvana Mendes Lima – UFF

Milena Britto de Queiroz – UFBA

Lázaro Batista da Fonseca – UFRR

Niterói
2022

**À juventude
preta viva.**

AGRADECIMENTOS

Deixo aqui o terno agradecimento àqueles que teceram comigo caminhos de escrita.

À minha mãe Rozinete por me contagiar com o desejo obstinado pela vida.

À minha irmã, Maíra Oliveira pela aptidão de cruzar nossas distâncias com ligações embriagadas.

À Widlane Oliveira por criar comigo futuros, presentes e passados: um sorriso por vez.

Ao Danichi Mizoguchi por ser inspiração e nunca espelho.

À Lais Amado por ter sido comparsa desde os primeiros avizinhamentos entre literatura e pesquisa.

Ao Luan Cassal por dedicar-se ao hábito salutar de fazer dos infortúnios piada. Contigo aprendia não sufocar com palavras.

À Gabrielle Freitas pelo pacto ancestral de renunciar a vilania e cultivar amorosidade pela via da escrita.

À Vitória Ariel por virar o vento e ensolarar manhãs com pequenos gestos: Selfies, poemas, memes e emoticons. Obrigada por ficar, voltar e estar.

À Vivian Gonçalves, Julia Almeida, Fernanda Passos, Andressa Monteiro, Débora Borges, Laysa Fontes, Raiany Ramos, Sara Vingle, Larissa Almeida e outras pretinhas do Coletivo PretasPsi pela partilha: das rodas de escrita às rodas de samba.

À Karyna Couto, Bárbara Santiago, Gláucia Helena, Edwalton Santos e Mônica Cabral por manter vivo o que aprendemos de melhor na Universidade: parceria.

À Mauro, Juliana, Lucas, Paulinha, Scott, Mario, Bruna, Ana Paula e Ricardo, componentes do grupo de pesquisa que acompanhou a produção da tese, pela leitura atenta e sensível mesmo quando o texto estava mais caótico que o cenário político do país

À Lucila Lima pela amizade-casa que forjou espaço para finalizar esta escrita.

À banca examinadora Milena Britto, Marcelo Santana, Silva Mendes e Lazáro Batista pela presteza e zelo na leitura deste trabalho.

RESUMO

A crescente entrada de populações minoritárias em representação nos espaços universitários tem fomentado a construção de ferramentas ético-metodológicas de ensino e pesquisa que enfrentem os discursos hegemônicos aos quais a universidade está historicamente atrelada. Acreditamos que práticas de pesquisa se dão, também, a partir de uma certa política de narratividade. Assim, as palavras que deitamos na página apresentam pontos de articulação entre experiências e encontros partilhados por docentes e discentes negras dos espaços da Universidade. Os gestos literários aparecem como importantes aliados metodológicos de pesquisa, não para que se atinja um refinamento estético encerrado em si mesmo, mas para que funcione como ferramenta de interpelação e perturbação do mundo e suas supostas verdades. A composição de histórias ficcionalizadas é aposta aqui sustentada para dar relevo a existências coletivas e, assim, colocar em análise a vida e os embates políticos que constituem a produção de conhecimento contemporânea em jogo no espaço da universidade. Nos interessa, portanto, construir aqui modos de contar, que – distantes de qualquer pretensão de neutralidade – se deixam contaminar por territórios diversos, repletos de marcas, memórias e sonhos.

Palavras-Chave: Políticas de Narratividade. Produção de Conhecimento Racializado. Gestos Literários.

ABSTRACT

The increasing representation of minority population in academic spaces has provoked an increase in ethical and methodological tools to promote learning and research that challenge hegemonic beliefs to which the academy is so historically related. It is our belief that research practices happen within a certain narrative politics. We bring to attention articulations in experiences between black teachers and students inside the academic environment. The literature actions show up as fundamental methodological allies for research, not related to the need for a refining purpose in itself, but to challenge the world and its supposed truths. Creating fictional stories was the bet we took to bring to attention the collective existences, and through that put life into analysis, and its political confrontations that build current knowledge production in place within the academy. Our goal is to create paths that let themselves be crossed by diverse territories, non-neutral, filled with plenty of marks, memories and dreams.

Keywords: Narrativity Policy. Production of Racialized Knowledge. Literary Gestures.

RESUMEN

El creciente ingreso de poblaciones minoritarias en representación en los espacios universitarios ha propiciado la construcción de herramientas ético-metodológicas de enseñanza y investigación que enfrenten los discursos hegemónicos a los que históricamente se vincula la universidad. Creemos que las prácticas de investigación también se basan en una cierta política de narratividad. Así, las palabras que ponemos en la página presentan puntos de articulación entre experiencias y encuentros compartidos por docentes y estudiantes negros de los espacios universitarios. Los gestos literarios aparecen como importantes aliados metodológicos de la investigación, no para lograr un refinamiento estético encerrado en sí mismo, sino para funcionar como herramienta de cuestionamiento y perturbación del mundo y sus supuestas verdades. La composición de relatos ficcionalizados se apoya aquí para resaltar existencias colectivas y, así, analizar los conflictos de vida y políticos que constituyen la producción de saberes contemporáneos en juego en el espacio universitario. Nos interesa, pues, construir aquí modos de contar que, lejos de cualquier pretensión de neutralidad, se dejen contaminar por diferentes territorios, llenos de marcas, memorias y sueños.

Palabras-clave: Política Narrativa. Producción de Conocimiento Racializado. Gestos Literarios.

SUMÁRIO

PRÓLOGO	9
FICAR	15
VOLTAR	51
ESTAR	83
EPÍLOGO	103

PRÓLOGO

Tocam a campainha uma vez e depois outra. Eu permaneci imóvel no sofá mirando a porta. Minha mãe sempre me alertou a não abrir a casa para estranhos. E eu não conhecia ninguém neste lugar. Todas as pessoas eram estranhas. Estranhas o suficiente para insistir tocando a campainha. Talvez fosse urgente. Talvez minha mãe tivesse esquecido a chave. Talvez fosse o carteiro trazendo encomendas e notícias de outro lugar. Talvez eu devesse atender. Aproximo meu olho do olho da porta. Faço como aprendi: quem é?

Quando eu abro a porta, crianças, como eu, fugindo rasteiras. Os risos ecoando no corredor. Riso curvando o corpo, apertando a barriga. Crianças reaprendendo a respirar entre gargalhadas que explodiam, uma atrás da outra, feito granadas. Crianças, como eu, jogavam. Apertam a campainha da vizinha e saem correndo. Este era o jogo. Um jogo que eu não sabia jogar.

Agora eles vêm sempre no mesmo horário, um pouco antes de iniciar a Sessão da Tarde. Tocam a campainha e se colocavam a postos. Eu assisto a movimentação pelo olho mágico e mexo no molho de chaves ruidosamente, pergunto por entre os dentes: quem é? Já sei quem é, mas enceno. Abro a porta devagar dando tempo para iniciarem a fuga. Eles desembestam descendo as escadas, deixando para trás sandálias de plástico arrebitadas, farelos de salgadinho de milho, varetas de madeira, peões de plástico perdidos e eu. Restos. Eu fazia parte da brincadeira. E tinha um papel importante, sem a vizinha até a campainha fica sem função, a corrida sem direção e as risadas não vêm. Eu encenava meu papel com o rigor necessário àqueles que sabem da importância das risadas.

Apertar a campainha da vizinha e sair correndo. Minha memória mais vívida da infância. A expectativa. A encenação. A solidão de quem na brincadeira fica para trás. Agora, quando retorno a este palco, passados mais de trinta anos, não consigo escapar a lembrança.

Antes de entrar no apartamento testo a campainha, o ruído familiar ecoa dentro. Mesmo sabendo que a inquilina não aparece ali há meses eu toco novamente e espero. Se alguma entidade ainda mora ali, não está para brincadeira. Pego a chave reserva e entro fazendo ruído, para espantar fantasmas e eventuais insetos.

Eu não conhecia a inquilina pessoalmente, mas ela havia me achado nas redes sociais e, burlando os procedimentos usuais da imobiliária, entrou em contato por e-mail. O primeiro e-mail havia chegado num domingo, no texto ela informava que havia visto o anúncio do

imóvel e estava muito interessada no apartamento. Disse que chegaria do exterior na semana seguinte e que, se eu desse okay, ela poderia fazer o pagamento adiantado de seis meses de aluguéis.

A proposta era descabida, eu havia posto o imóvel na imobiliária justamente para não ter que lidar nem com locatários, nem com nada que tivesse haver com aquele apartamento. Não era sequer para ela saber o meu nome. Tentei ignorar o e-mail por algumas horas, era domingo e eu não queria me preocupar com nada a não ser deixar o dia passar. Tentei ignorar, mas alguma coisa no texto me convocou. E quando eu vi já havia relido o e-mail uma dezena de vezes, o jeito assertivo que ela dizia do seu desejo e colocava a sua proposta me mobilizava. Fiquei inquieta. Imaginava a situação, chegar a um país sem ter onde ficar e ainda ter que enfrentar as burocracias de imobiliária. Se eu podia ajudar, eu devia ajudar. Entre uma série televisiva e o segundo caderno da gazeta, decido, por fim, responder ao e-mail.

Eu estava especialmente benevolente naquele dia, em um humor propício para me compadecer com o rogo. Também estava especialmente falida e, sobretudo, de ressaca. Respondi em linhas curtas: okay, fico feliz em te ajudar. Informarei a imobiliária. Segue as informações bancárias.

Trocamos apenas mais alguns e-mails depois disso, um com o comprovante de depósito e outro com instruções de onde pegar a chave. Ela conseguira o que precisava e eu pude continuar a pagar o meu próprio aluguel sem ter de procurar outros *freelas* para compor renda.

Já se passaram nove meses depois que fechamos este contrato informal. Mensalmente ela me mandava o recibo das contas pagas. Ela não se preocupou em mudar o nome do cliente com as concessionárias de água, gás e luz. Eu também não me dei ao trabalho de apagar este rastro de passado. As contas permaneciam no nome da minha avó, beneficiária do Programa Habitacional. Quando a vida dela se encerrou, a casa virou minha. Deus a tenha. No final do sétimo mês o e-mail não chegou. No oitavo mês mandei um e-mail buscando saber se ela permaneceria no imóvel, mas não tive resposta. Comecei a me preocupar, não tanto com ela, mas comigo e com os meus boletos que começavam a acumular.

Vir até o apartamento não fora uma escolha, entenda. Eu não queria por os pés nesse local nunca mais, mas se eu não viesse ninguém resolveria isso no meu lugar. Tirei o dia de folga para vir aqui tentar descobrir o paradeiro da inquilina fugitiva. Eu deveria ter vindo acompanhada, mas nenhum dos meus amigos se ofereceu para vir comigo. Achavam que o

mais indicado era eu ir com o braço armado da polícia. Eu, que nunca me senti segura perto de fardado nenhum, aceitei o risco e fiz como aprendi, voltei aqui sozinha. Sem denunciar a solidão, abri a porta da casa e com a voz segura perguntei: tem alguém aí?

Não tinha ninguém lá. O espaço estava exatamente como eu me lembrava, bagunçado. Na sala pequena uma cadeira solitária, sacos plásticos e caixas de papelão, uma vassoura gasta escorada na janela entre aberta, uma pilha de revistas *Faça Fácil* em um canto, jornais antigos em outro e uma garrafa pet cortada pela metade repleta de guimbas de cigarro. A cozinha estava vazia, salvo algumas embalagens de comida congelada e cadáveres de insetos.

Se ela não for voltar... Fim de mês, boletos acumulados, pagamento dos *freelas* atrasados. ...eu que terei de voltar. A previsão me assombra. Resgato o cinzeiro improvisado da sala, abro as janelas do quarto e acendo um cigarro clandestino. Eu costumava fumar escondida da minha mãe, debruçada nesta mesma janela. Alheio ao meu esforço para soprar a fumaça para fora do cômodo o cheiro impregnava o quarto e me denunciava. Minha mãe sempre soube que eu fumava, fingia não saber, mas sabia. Estou parando de fumar. Estou parando desde que comecei.

No quarto minúsculo um colchão de casal, mais revistas, caixas de sapatos, uma luminária e, apoiados em um pedaço carcomido de madeira que parecia fazer vez de prateleira, uma pilha de livros de dicas e roteiros de viagens: Nigéria, Gana, Somália... e outros destes lugares que não nos apresentam em aulas de geografia da escola. Talvez a inquilina tenha se mandado para África ou talvez seja de lá que voltara há meses atrás, de onde vinha ou para onde ia sabe-se lá, mas o jeito que a casa estava repleta de poeira e restos me indicavam que já a inquilina tinha partido dali e não parecia que ia voltar.

Havia ido até lá preparada para quase tudo: para vestir minha cara de brava e resoluta exigir o pagamento dos meses atrasados; para escutar uma história triste, encenar a boa moça compreensiva e exigir o pagamento dos meses atrasados; para pedir ajuda dos vizinhos se a coisa degradingolasse e exigir o pagamento dos meses atrasados. Não me preparei para encontrar o apartamento vazio.

Bem que eu me avisei. Estava tudo muito fácil, ela chegando bem na hora que eu mais precisava, o desejo dela encontrando minha necessidade assim de pronto. Ela estava certa do que queria. Eu estava certa do que precisava. Entre o desejo dela e minhas necessidades, a razão foi jogada para escanteio. Julguei que o universo finalmente estava sorrindo para mim.

Aceitei seus termos sem nenhuma garantia. Confiei. Bem que eu me avisei. Estava tudo muito fácil.

Agora parece que ela já não precisa desta casa. Eu continuo precisando do dinheiro. Custava muito ter avisado que estava partindo? Onde será que ela se meteu?

Sento no colchão e, mais pela curiosidade do que por cansaço, começo a vasculhar os pertences que a inquilina me deixou de herança. Talvez encontrasse nestas caixas pistas do seu paradeiro. Começo pelas revistas. As capas coloridas com mulheres famosas, vestindo roupas que estavam na moda no século passado, centenas de sugestões imperdíveis para festas de fim de ano, móveis de crochê, arranjos de flores com frutas, aplicações para transformar o seu jeans, almofadas e nécessaires de matalassê e muito mais... Será que essas atrizes algum dia seguiram as sugestões da revista e crocheteram seus próprios biquínis? Será que passaram a tarde lixando enfeites de isopor para a festa de aniversário de Peter Pan dos filhos? Duvido.

As revistas faziam parecer duas temporalidades destoantes. Eu julgava que a inquilina era jovem, talvez pela menção do retorno do exterior a desenhei como uma aventureira que vagava pelo mundo sem destino ou pouso certo. Não ter para onde ir me parece coisa de gente jovem. Mas os jovens deste século não lêem revista impressa.

Essas revistas me lembravam da minha mãe e as coisas que ela fazia com as mãos. Ainda tenho algumas marcas das vezes que minha mãe seguiu as indicações de revistas e manuais de faça você mesmo. Ela sim seguia, nem sempre a risca, as indicações: Crochê, enfeites de festas, bordados, camisetas de silkscreen, biscoitos de maisena, sorvete de coco, para educar criança mimada uns tapas bastam, – no braço tenho a marca de unha que ganhei pela pirraça no verão de 97 –, remédio caseiro para piolho, – até hoje tenho aversão ao cheiro de vinagre. Tenho marcas até hoje das artes que minha mãe aprendeu nas revistas do século passado. O que a inquilina buscava aprender com as revistas? O que me importa? As revistas não me informavam nada sobre o paradeiro dela.

Deixo as revistas de lado e me volto às caixas de sapato, torcendo para encontrar lá um espólio que valha, jóias, moedas antigas, pistas de sua vida. Na primeira caixa que abro materiais de papelaria, cotocos de lápis, *post-its* amassados, envelopes e canetas com a ponta seca. Lixo. Na segunda caixa, um monte de papéis pequenos repletos de palavras em letras miúdas. Bilhetes? Anotações de viagem? Listas de compras? Passo o olho rapidamente, mas a qualidade do papel torna difícil decifrar as palavras, isso é um M ou R? Amor ou ardor? Lixo.

Junto com os pequenos papéis, bem amarrados com um barbante colorido, outro calhamaço de folhas dobradas. Os papéis estão tão gastos quanto os outros, mas nestes quem escreveu cuidou melhor a caligrafia. Desdobro um a um e espalho em cima do colchão, duas caligrafias diferentes, no topo das páginas uma letra maiúscula assinala o destinatário e outra letra assina o remetente. São cartas. Leio algumas linhas, contam de um cotidiano banal, alguém se mudou de casa, alguém conheceu uma pessoa nova, outro alguém esta escrevendo um livro. Memórias. Lixo.

Na mesma caixa ainda tinha uma dezenas de notícias de jornais recortadas: Criança desaparecida no Rio de Janeiro; vítimas de tiroteio dizem que vão processar o Estado; Iniciativa de distribuição gratuita de livros. As notícias não pareciam ter relação entre si. Algumas delas tinham palavras circuladas, fotos sublinhadas. Lixo. Cartas, livros, revistas, notícias, tudo lixo.

Já ia fechando a caixa quando um recorte me chamou a atenção. Uma foto já amarelada com pessoas sorridentes. Uma mulher envolvia a cintura da outra com o braço, a frente delas uma criança pequena com o cabelo preso em um rabo de cavalo, quase desaparecia sob a blusa grande demais para seu corpo. Olhavam direto para a câmera, sorrindo. Posavam para a foto em frente a uma pracinha. A cena me parecia familiar, a gangorra, o balanço. Esta pracinha parecia muito com a que eu freqüentava na infância, parece a pracinha daqui. Esta criança parece muito comigo.

Estas mulheres da foto eu não conheço, eu não me lembro deste dia, desta blusa, deste sol, deste sorriso voltado para a câmera. Mas tenho quase certeza que sou eu naquela foto. Quase certeza. Olho mais atentamente para a imagem, tentando atizar a memória. Sem nomes e sem imagem nítida do rosto, as memórias se conjugam de um jeito estranho, inventam mais do que lembram.

Recupero os pertences da inquilina do lixo, nas cartas não constam nomes, procuro os envelopes, não acho, comparo as fotos do jornal com os rostos sorridentes da pracinha, guardam alguma semelhança, mas o sorriso deforma o rosto e faz com que fiquem todas parecidas.

Devo estar inventando coisa mesmo. Talvez não seja eu naquela foto, só uma criança muito semelhante. Afinal, como seria possível ela conseguir uma foto minha? Mesmo que o instantâneo estivesse aqui quando ela se mudou, que tivéssemos deixado para trás, quando esvaziamos o apartamento da Vó, por que ela haveria de guardar a foto de pessoas que ela não

conhecia? Agora todos os lixos desta casa adquirem outro tom. O resto vira pista. Deixo a foto de lado. Respiro fundo e me volto às cartas.

O texto que segue conta uma história. Uma história que pede para ser contada, momentos antes de desaparecer. Para que a personagem habite a nova casa ela precisa se desfazer dos restos da antiga locatária, mas o movimento de descarte do passado é interrompido quando encontra uma foto por entre o lixo. Quer resgatar como pistas para doar novos significados.

A relação com os textos lidos é imanente, tomados como interlocutores em uma conversa, as pessoas autoras nos oferecem imagens de cotidianos banais que nos interessa perseguir e, por vezes, evitar. Uma criança brincando na rua, uma mulher bebericando cerveja em um bar, um morador de rua. Estes encontros trazem mais dúvidas, imagens abertas a outras conexões do que narrativas apaziguadoras e resolutivas. Tem uma história por trás das histórias. Tem histórias por trás da História. *Cartas lembram a condição passageira dos que escrevem e dos que lêem: as palavras são frágeis e perecíveis, como o são os que as escrevem, os que as imaginam postados na soleira de portas ou, esperançosos, a misturar-se ao burburinho da rua, nas janelas melancólicas em que pousamos nossas últimas forças.*¹

Uma personagem que tenta habitar sua própria história, a partir da leitura das cartas encontradas entre outros restos no apartamento que se esquia em ocupar. A leitora atenta insiste em buscar o nome e autoria. Não acha. Ela busca pistas. Traça relações e conexões provisórias entre o que vive e viveu àquilo que lê. Imagina. Inventa os envelopes que revelariam o tempo das palavras há muito já desaparecidos. Não há datas ou cabeçalho.

Saber quem fala é condição e garantia de inteligibilidade? Saber o tempo dos acontecimentos narrados é condição para que o leitor se conecte com o texto lido? Mas no momento da leitura é do presente que se fala. Sempre é no presente que as imagens aparecem.

A cada vez que tenta preencher uma lacuna, o que aparecerá com mais evidência são as condições e quadros de significação da pessoa leitora e do tempo presente que habita. Estas cartas, assim como uma pergunta, são reiteradas convites a tomada de posição. Um convite à composição. Ora, esta perseguição de índices e preenchimento de lacunas pode ser uma operação interessante à medida que impele a criação. Na dúvida vigora uma oportunidade.

¹FERREIRA, 2014, p. 16

A campainha toca. Uma vez e depois outra: Quem é?

FICAR

Não eu não estou indo embora
Vou ficar aqui
E resistir ao fogo
(Sojourner Truth²)

²No Original “[...] I am not going away; I am going to stay here. And stand the fire [...]”

M.,

Não vou voltar. Mãe nova me quer de volta em nossa terra. Ela tem medo de que eu te tome de exemplo e esqueça o caminho de casa. Quer que eu arrume um emprego lá, faça um puxadinho com banheiro na casa dela. Toda vez que vou visitá-la é a mesma ladainha.

Já disquei o número de casa algumas vezes e tudo que consegui foi retomar este gesto besta de escrever para você.

Não posso sair daqui agora.

A universidade está em disputa. E eu não quero abandonar a arena. Quero continuar a investir na pesquisa. Daqui, insisto na escrita, na produção de conhecimento como busca obstinada pela vida. Se você estivesse aqui, faria o mesmo, não faria? Daqui a pouco as meninas chegam para nosso encontro de partilha de escrita semanal.

Eu sentei neste bar hoje catando coragem para anunciar que fico e me convencer de que talvez seja melhor parar de te escrever. Novamente. Talvez seja efeito do álcool que me tira o Adeus da boca e traz imagem na retina. Essas imagens do passado que tento remontar e conjugar com vida atual. Um sorriso seu. Acho que preciso me desvincular do passado.

Sigo aqui adiando a ida enquanto penso sobre os verbos necessários para conjugar as vidas. Os verbos necessários para cruzar distâncias.

Acabo por mais uma vez adiar o Adeus. Não tenho verbos para dizer Adeus para você. Nunca tive.

Teu Amô.

Ela traz a quarta long-neck para a mesa. Enquanto eu incentivo que seguissem com a leitura.

Esta palavra aqui o que significa?

Coalizão? O esforço para ficar junto. Tentar consolidar um objetivo em comum.

Aliança, então?

Sim, aliança.

O bartender chega mais perto e avisa que daqui a pouco irão começar o karaokê. Pergunta se a gente quer fechar o livro e abrir mais uma cerveja.

Já estávamos ali há mais de duas horas. Eu nem sei bem de quem foi a ideia de trazer a aula para o bar. Estudar foi ideia minha. O bar só estava perto e aberto, o que era mais do que podíamos dizer da universidade.

Alguém resolve pedir uma pizza. Eu resolvo virar a página. Ela resolve chegar mais perto. Eu a olho nos olhos. Ela decide pegar minha mão e me chamar pelo primeiro nome. Depois dali ela vai para um encontro de grupo de estudos. Só de psicólogas pretas, vamos? Eu penso: por que não?

M.,

O período de aulas já iniciou novamente. O campus cheira a tinta guache e excitação. Os estudantes circulam com a pele pintada pelos corredores, interpelando os passantes pedindo dinheiro para coisas importantes: livros novos para a biblioteca, custeio de passagem para alunos com baixa renda e a cerveja para a festa de calourada. Não faz tanto tempo que eu fazia o mesmo rogo a esta gente. Um punhado de anos, uma década apenas, era eu a caloura mendicante. Não te espanta a permanência destes rituais? Estas coisas que não mudam mesmo quando tudo já mudou. Pintar as caras para festejar inícios. Deve ter alguma história por trás disso.

Mas tem muita coisa diferente também, o campus expandiu, tem mais prédios e salas de aula, a quantidade de alunos por turma também, tem até moradia estudantil. Certamente tem história por trás disso.

Por debaixo das tintas há mais rostos retintos, bem mais alunas negras³ nas salas de aula do que há dez anos. Todas muito jovens. As alunas me tomam como uma delas. Acenam despojadamente a distância. Quando me desejam bom dia me chamam pelo nome e não pelo cargo. Eu também as encaro como se fossem velhas conhecidas, ainda que eu não saiba o nome de todas. O brilho nos olhos e o sorriso oblíquo que me ofertam quando cruzam comigo nos corredores eu conheço, reconhecimento.

Já os professores, estes sim conhecidos de longa data, ao me cumprimentarem me chamam, com gracejo amigável, de Mestre. Não o fazem por solenidade ou reverência, julgo que querem apenas marcar que sou uma deles. Sou uma deles. Ainda que estranhe a condição, sorrio de volta. Reconhecimento? Não sei.

³ Vale lembrar que a nomenclatura Negra tem sido empregada majoritariamente pelo movimento negro como uma junção de pretos e pardos.

Tem feito muito calor nesta cidade. Tenho saído das aulas por volta das oito da noite direto para o bar da praça, assim aplaco a sede e espero a chegada das meninas do Coletivo. Eu pensei em ir direto para casa, pois me sinto meio esgotada depois de tantas horas de aula, mas eu já não tinha mais desculpas para dar para as meninas. Já era a terceira reunião que eu mataria, mas esta semana tem pauta importante, elas me diziam: para garantir a qualidade da educação, para garantir que os alunos tenham um turno livre para exercer atividades remuneradas. Para garantir a segurança de quem retorna à noite, para pensar nas especificidades dos polos do interior. Tem algo de fascinante em como elas olham o mundo atentas à escassez e à falta, mas ainda sustentando a crença num porvir melhor.

Elas saíam da sala de aula para cá com a energia de quem quer mudar o mundo. Dezenas de milhares de cervejas entornadas enquanto arquitetam rebeliões. Os ambulantes são seus comparsas e as crianças do parquinho suas cúmplices: pois não adianta nada ter como aliado só alunos desta instituição bitolada.

Em geral eu saio das reuniões revigorada, mas hoje eu estou cansada e fico aqui na praça mais para adiar a chegada em casa do que pela reunião propriamente dita.

Em casa eu sei o que me espera, sei do tumulto amedrontado que se forma lá quando o Jornal Nacional começa. Morte, doenças, projetos de lei, mandos e desmandos do Executivo exibidos na tela ressoando nas paredes e na pele, deixando o ar de lá irrespirável.

Já essa praça me lembra você. Quando eu estava na graduação eu sempre arrumava um tempinho para vir aqui e balançar uma ou duas vezes no balanço. Bêbada eu até tinha coragem de arriscar descer no escorrega. Do jeito que eu fazia

com você, subindo por onde era para descer e descendo por onde era feito para subir. Lembra? Isso era invencionice tua. Sempre inventando um jeito de enxergar o mundo com outros olhos. Pensando bem, as jovens alunas do coletivo me lembram de você também. Você e sua fé no futuro. Sua coragem de enfrentar com a vida, se necessário, o caos da cidade. Deve ser por isso que depois de tanto tempo eu volto a te escrever.

PS: O garçom parou aqui para bisbilhotar o que eu escrevo por cima do meu ombro. Perguntou se estava trabalhando e se eu queria que abaixasse o som do rádio, respondi que não era necessário, que não era nada demais, só uma carta para uma amiga que está viajando, mas que logo volta. Menti.

Teu Amô.

Estávamos sem tempo. A próxima aula já vai começar. Do lado de fora, a outra professora impaciente bate na porta pela terceira vez. Eu sorrio e peço só mais cinco minutos.

Mais uma mão levantada. Elas não aceitavam o fim. Olhavam-me com aqueles olhos de interrogação. Eu não tinha resposta. Eu quase nunca tenho resposta. Eu olho mais uma vez o relógio, para minhas mãos sujas de caneta Pilot vermelha, as palavras rabiscadas no quadro branco. Experiência urbana. Cidade. Subjetivação. Narrativa. Lugar de Enunciação. Apago as palavras do quadro. Fecho os livros.

Alguém no fundo da sala começa uma história. Inimigas do fim.

Porque você sabe, né, professora. Olharam-me de cima abaixo. Meu cabelo assim. Maconheira. Preta. Baderneira. Petista. Elas riram.

Alguém abre a porta de cara fechada e aponta para o relógio em seu pulso. Estávamos sem espaço.

Gente, a outra turma já chegou. Na próxima aula retomamos.

Deixa só eu acabar a história.

Eu não quero ser a pessoa que diz para elas mais uma vez que não temos tempo, que não temos espaço. Que não temos tempo e espaço para nossas histórias. Mas não temos. Quatro horas de aula, um período inteiro, não dá conta.

Então não digo.

M.,

Preciso falar dela. Ela que tem ocupado meus dias e pensamentos. Estou monotemática e ninguém aguenta mais. Eu apaixonada fico um saco, eu sei. Quero acreditar que você iria adorá-la. Ela já te adora pelas histórias que conto. Mãe nova ainda não a conhece pessoalmente, mas já papearam pelo telefone e fica fazendo promessa de doces, sombra e água fresca para ela, dizendo que já separou um quarto para nós. Para ela não se preocupar que toda a gente do lugar me conhece desde pequena e que aceitam meu jeito de ser.

Ela tem disso, vê em toda namorada que arrumo uma potencial aliada para me levar de volta para casa. E tanto faz se eu volte sozinha com o coração partido ou que volte com ela para morarmos todas juntas em um grande albergue familiar. O importante é voltar. Acho que por isso que evito levá-la para conhecer mãe nova. Pois Meu bem se importa mesmo é com o ir. Não quer saber de voltar.

Quando nos encontramos pela primeira vez eu estava entre amigos e um silêncio esquisito se formou a nossa volta, um vácuo, uma pausa. É sempre isso que acontece quando ela chega, as outras meninas engolem as palavras. Tudo que não é essencial se desfaz na língua antes de sair da boca. Não é um silêncio meditativo e de contemplação, é um tipo de desfazimento. Quando ela chega é como se criasse um vazio, faz sentido isso? Não uma ausência, mas uma lacuna, um espaço pronto para ocupar. Ela chega e de pronto abre espaço para outra chegar. Talvez seja pelo fato dela sempre chegar já saindo, já se preparando para estar em outro lugar. E sempre nos convida para acompanhá-la. Se fossemos uma gangue, talvez ela liderasse.

Para ficar perto dela mudei de bairro, estou mais distante da universidade e da praça e mais perto da praia. Moro agora

com as amigas dela, que agora são nossas, um casal de estudantes da pós-graduação e uma professora. Para pagar o aluguel daqui só mesmo dividindo casa com um tanto de gente. Nem é de todo ruim, mas ainda estou me acostumando. Cada dia aprendo com elas novas maneiras de co-habitar.

Ao menos uma vez por semana tomamos café da manhã todas juntas, mas é o junto mais estanho que já tive o prazer de me ajuntar. E olha que você sabe dos lugares que já morei. Elas ficam lá sentadas à mesa com os olhos arregalados para o nada, respirando pela boca, meio chapadas em uma pose meditativa. Algo naquele alheamento me atrai e sem notar eu já as imito. Elas olhando para o nada e eu olhando para elas. Nós todas com as bocas entre abertas como quem espera algo: silêncio e antecipação. Se a televisão estivesse ligada você nos confundiria com uma família brasileira tradicional reunida na hora da novela.

Este jogo de encarar só finda quando alguém sai para anotar algo em seus cadernos, e isso sempre acontece. Talvez tenha algo nos vazios que encaram, sejam olhos, xícaras ou telas, que as impelem as palavras, as arremessam ao texto. Nos olhos delas vejo a mesma avidez que via nos seus olhos.

Elas chegam e vão em horários esquisitos, estão sempre com pressa, soltando pelos corredores frases entrecortadas em tom de profecia, coisas do tipo: *sobrevivência não é uma habilidade acadêmica*⁴. Seguem a vida num pique cigano, mochila nas costas, cigarro na boca, caderno na mão.

Tem sido gostoso dividir os dias com elas, mas ainda não me acostumei com o lugar. Tenho sonhado dia após dia que a casa é invadida. Já parei a escrita desta carta umas mil vezes para olhar o portão. Todo barulho que escuto acho que é uma invasão. Nem sei bem de quem. Da PM. Do tráfico. De uma trupe

⁴LORDE, 2019, p. 139.

de circo. Uma tortura viver no assombro de que a qualquer momento podem me roubar o espaço que hoje julgo como meu. Medo. Faço, pois, como você me ensinou, sigo a escutar as histórias das mulheres com quem vizinho para ver se o medo dissolve.

As meninas com quem divido casa me contam anedotas descompromissadas, histórias bobas sobre os bares que nunca fecham da cidade. Às vezes acho que inventam mais que a metade.

Noite passada uma delas contou a história de como conheceu a parceira. Ela disse que balançava de um lado para o outro num movimento pendular em frente à porta de casa, tentando decidir se entrava ou não, se catava outra saideira ou não. Segurava as chaves com força entre os dedos, se escorava na porta buscando escutar os sons de dentro, tentando adivinhar se ainda tinha alguém acordado.

Disse que a parceira se aproximou lentamente, se esgueirando pelas sombras do prédio. Era para ser um susto, um trote ou uma dessas outras coisas sem graça que fazem com calouras. Mas quem tomou o susto foi a outra, pois quando viu a sombra se aproximar pelo canto dos olhos, investiu em um soco desajeitado na direção dela que a fez cair de bunda no chão. Mais um centímetro para direita e perderia o olho.

A menina tentando se levantar do chão, desnorteada, pedindo desculpas e ela rindo de nervoso. Disse que foi a primeira vez que bateu em alguém.

Escuto essa história e me lembro de você dizendo que o Rio de Janeiro era perigoso. Ainda tem razão e o Rio de Janeiro segue perigoso para pessoas como nós. Esta cidade ainda me assusta, mas ao menos tem amor ou alguma coisa perto disso. Bem perto disso.

A.

Dormimos todas juntas hoje. Dormir entre abraços é um modo de entrega. Mal fecho os olhos e a vida já parece sonho. Nós, deitadas na cama, juntas, despidas as becas e carapuças, é como se habitássemos o mundo pela primeira vez. Há nudez, lágrimas e desespero, mas abrandamos com amor. O mundo parece ser nosso, desde que fiquemos aqui. Desde que fiquemos juntas. Mas o mundo só parece ser nosso... Só parece. A casa ainda é casa, a rua ainda é o fora e as janelas ameaçam fechar.

As janelas desta casa não dão para lugar nenhum. Pelo vão, vejo apenas os buracos na parede descascada e repleta de infiltrações da casa vizinha. O vento luta para passar, mas passa. Traz com ele o som desta rua, atrito de roda de bicicleta e choros de crianças em queda. Passa o som do anúncio do carro que vende verdura e ovos. Passa pelo vão o alarido da briga antiga entre a vizinha nova e o marido que, de novo, grita.

Os sons rebatem nos móveis, nas cadeiras e mesas gastas pela poeira, os restos assentam no chão e a poeira vira outra camada da minha pele.

As janelas desta casa dão para todo o canto, basta atentar para o movimento, sons e restos. O vento luta para passar, mas passa.

Nós, deitadas na cama, juntas... Desde que fiquemos aqui. Desde que fiquemos juntas meu mundo está seguro.

M.,

Sonhei com você. A cidade inteira estava debaixo d'água. Na televisão, o prefeito falava que a culpa era de Deus. Mandava rezarmos para o nível de água baixar. Eu nunca soube rezar, você me dizia em tom de confissão. Aposto que sabia. Todo mundo daquela cidade sabia rezar. Depois eu me levanto do banco em que estava sentada vou até o quintal e em um pulo me jogo na água.

Enquanto isso, na beira da janela, você me cantarolava uma das nossas músicas. Debaixo d'água escutava você cantar, os sons atravessam a massa d'água e ressoam no corpo suas palavras já lavadas. E eu tentando não me afogar.

Não deu tempo de acompanhar a canção até o fim. Meu sono foi interrompido por choro de criança. Um choro que era tão agudo e tão doído que parecia que uma guerra tinha invadido o quarto. Nem cheguei a ver a vizinha grávida. Neste tempo acelerado, até o período de gestação deve ter encurtado. Ou será que não saio daqui há mais de nove meses? Não, não é possível, quando entrei nesse quarto era inverno, e ainda faz frio.

Quanto tempo tem o desgoverno deste prefeito? Quantos anos mesmo que não te vejo? Tentei contar, mas faltam-me dedos. Este bebê que deve ter nascido na pressa do tempo. E eu fico aqui, nesse longe de ti. Tudo que é muito, aqui parece ser bem mais. Você, por exemplo, bem mais. O passado aqui dentro, bem mais.

Lembra da casa de vila com o pé de tangerina no quintal? Quase três anos e nada de frutos, e daquele apê que a parede ondulava no melhor estilo Niemeyer? Nossos móveis não encaixaram na sala. Lembra? Não é nostalgia não, mas é que hoje passei o dia esperando uma cama nova chegar, de novo, desta vez sem você para me distrair da espera.

Lá embaixo, as pessoas olham assustadas para as nuvens carregadas de cinzas das matas. Eu no alto desse prédio, quase dentro da nuvem. E você, ainda perto do fogo?

Às vezes imagino você junto aos indígenas em uma manifestação no planalto central. Se estivesse por aqui, certamente teria se juntado aos protestos em memória do congolês morto no Rio ou estaria engordando as fileiras de caminhoneiras grevistas no Acre.

Mais uma criança começa a chorar agora, esta parece ser mais velha, pois entre gritos a escuto balbuciar palavras. Estando aqui nestas páginas o desejo de levantar e ir à casa da vizinha inquirir os motivos de tanto choro.

Talvez essa criança chore, pois sabe que restará ao seu corpo dar conta dos acontecimentos do presente, ainda que ontem nem habitasse este mundo; talvez chore, pois sabe que não tem escolha. Resta viver. Eu choraria se soubesse. Eu choro porque sei. Mas às vezes me esqueço. É um alívio, o esquecimento. É um risco, o esquecimento. É um risco, o alívio.

Lembro que quando eu era criança chorava por quase tudo. Por qualquer motivo: quando me negavam mais um biscoito, quando a ida ao parque era mais uma vez adiada por conta da chuva, quando não me deixavam ir à praça do outro lado da rua, quando o coleguinha não dividia o brinquedo caro ou mudava as regras do jogo no meio da partida. Muito barulho por nada, dizia mãe nova. Ela me ensinou a importância de fazer as pazes. Mas foi com você que entendi que *crianças precisam aprender que elas não têm que se tornar iguais umas às outras de forma a trabalhar juntos por um futuro que elas irão compartilhar.*⁵

⁵ LORDE, 2009, p. 2.

Talvez nem seja uma criança que chora. Talvez seja um gato no cio, talvez um bêbado andarilho. Talvez seja você. Pois só escuto de longe o choro. Nada sei dele. Não sei sua cor. Idade. Gênero. Classe. Mas o ruído que sai do pulmão de outros me incomoda. Não os outros, mas seus choros e suas vozes agudas.

Agora, as crianças todas da vizinhança choram alto. Choro contagia. Eles choram e eu reclamo aqui para você. Até porque ninguém aqui nesta casa parece se incomodar com o choro. Dormem o pesado sono dos injustos. Eu tenho mil coisas para adiantar logo pela manhã e com este chororô não consigo dormir. Já tentei me reacomodar na cama, mas depois que eu saí já jogaram a perna de uma por cima da cabeça da outra e provavelmente hoje o que me restará é o sofá.

Mãe nova usa da superlotação amorosa daqui como mais uma justificativa para que eu retorne para lá. Nunca que vou entender pagar este tanto de aluguel, morar com este tanto de gente invés de voltar para cá, reclama. Ela fala como se a casa de lá não ficasse lotada dia sim e outro também com as mulheres da vizinhança que chegam na hora do café da tarde e ficam lá rezando para serem esquecidas pelos maridos. Sei que ela me quer perto porque se preocupa, mas ainda tenho da vida um tanto para fazer e a vida não dá duas safras.

Então por hora fico aqui. Já disse que sinto sua falta? Imagino-te por aí como heroína de romance nacional afamado, *permeável às possibilidades de seu corpo em suas andanças nos espaços da cidade, orientando-se vagamente por pedaços de lembranças ou sonhos, avesso às opções convencionais (casamento, filhos, emprego), entrega-se ao ir e vir interminável pelos espaços físicos e sociais mais diversos.*⁶

Pergunto-me em voz alta onde você foi parar.

⁶ GERMANO, 2009, p. 437.

Amô .

Ela me contava histórias feitas para enfrentar a noite. Histórias mistas, de monstros adormecidos e heróis amnésicos que batalhavam em defesa das suas vidas. Contos de fadas sensatas que duelam bradando certezas, enquanto pediam ao garçom mais uma cerveja.

Ela é o tipo de pessoa que nos ajuda a cruzar o mundo de dentro adentro e de fora afora. Pode uma pessoa se parecer com uma encruzilhada? Fazer do espaço entre nossos corpos caminho, trilha para o antigo e abrigo para o novo? Ela pode. É a própria intersecção⁷ entre os lugares que habitamos. Traz no negrume quente da sua pele e no macio crespo das suas ideias, a vida. Foi ela que me ajudou a lembrar dos caminhos que trilhei sob o mesmo jugo, ainda que por estradas diferentes.

Às vezes as histórias eram bem parecidas com as que vivemos um dia antes, ainda que eu não fosse capaz de contar. Mas ela sim, ela podia. Enquanto isso, insones, quedávamos presas entre o que sabíamos hoje e o futuro que almejávamos. Ela inventava aquilo que eu havia esquecido. Abria caminhos imprevistos.

Mas agora parece incomodada com a proximidade. E eu faço o que sei fazer melhor, a abraço mais forte. Já não importava o calor, eu queria fazê-la ficar perto, queria que ela continuasse a me contar histórias. Às vezes, uma história pode nos salvar do terror das noites.

⁷ CRENSHAW, 2002

M.,

Eu tenho me inquietado com o presente. Com o agora. E não digo daquela preocupação trágica de 'o mundo está para acabar', ainda que às vezes pareça que já é tudo ruína. Falo de uma preocupação desta que tensiona os ombros, o corpo, convoca uma atenção, te coloca à espreita como quem fareja que algo está a acontecer, algo que habita no canto dos olhos ainda que não possamos ver. Sinto na nuca um calafrio, sopro de um vento contemporâneo. Numa dobra qualquer da pele, uma anúnciação. Algo já está acontecendo.

Povos inteiros sentem que se esgotaram os recursos necessários para continuarem a assumir a sua identidade. Pensam que já não há exterior e que, para se proteger das ameaças e do perigo, é preciso multiplicar clausuras. Fazendo os possíveis para não se lembrarem de nada, sobretudo dos seus próprios crimes e maldade.⁸

O corpo retesado luta para não sair numa fuga desembestada, desferindo golpes contra o vento, esperando acertar aquilo que não chega a ver. Sustenta a posição na trincheira, defende um território, nosso espaço, desta ameaça fantasma. Percebo agora enquanto escrevo que proliferam nessas linhas metáforas bélicas. Estamos em guerra? Seria este o anúncio do vento? Que tipo de guerra é esta?

Quando a vida fica assim eu sinto ainda mais falta de você e do jeito que me beijava a testa.

Dia destes andando na rua vi um tanque do exército. Um tanque, veja você, no meio de uma praça do centro da cidade. O calçamento todo marcado sob seu peso. Se eu quisesse seguir essas marcas, poderia ir ver de onde ele veio. Traçar seu itinerário. Mas aquele veículo era ameaçador demais para que

⁸ MBEMBE, 2017, p. 09

eu seguisse seus rastros, como presa que tateia caminho até a toca de predador. A cena - do tanque na rua, dos fardados armados até os dedos dos pés em roupas ostensivas que não camuflavam mais nada.

Naquela noite eu tive sonhos agitados, lembro de sonhar que levava uma criança pequena para a escola e no caminho tive que ensiná-la a se esquivar de balas. Íamos catando proteção nos quintais das casas, nos escondíamos entre os muros. Era tanta bala e desespero que não tínhamos tempo para ver quem atirava, quem era o inimigo. O certo é que o alvo éramos nós. Nós, eu, a criança e nossas vizinhas. Os tiros e golpes eram *dirigidos sistematicamente contra as mais diversas categorias, segmentos, minorias, subjetividades - contra a população.*⁹

Acordei com o som do meu próprio choro.

Por que será que te conto tudo isso agora? Algo aconteceu que abalou a ordem das coisas. Algo aconteceu. Tem tempo que não vejo tanques nas ruas, última vez que vi estava contigo e tem tempo que eu não vejo você.

Eu tenho andado bem pouco pelas ruas, elas estão sombrias demais, mesmo de dia. Tenho preferido me manter apenas na companhia daqueles que não me ameaçam tanto, que dão contorno à inquietação e transvaloram o medo em acolhimento: os meus.

Por aqui a guerra é outra, ou talvez apenas outra face da mesma. Destes espaços mais ou menos protegidos que habito - nisso incluo sala de aula e o bar de onde te escrevo, esses espaços cheios de amigos - nos acolhemos e investimos em práticas de reconhecimento. Às vezes dá a impressão de que só por aqui, e só assim, é possível tecer aliança. Às vezes, pois, *essa desesperança cria anseios por ideias e estratégias*

⁹PELBART, 2018, p. 195.

*de mudança que podem renovar espíritos e reconstruir bases para a luta coletiva de libertação negra.*¹⁰

Foi você que me ensinou isto de fazer amizade com toda a vizinhança cada vez que chegávamos a um lugar novo. Dividindo tudo que tínhamos, das ideias as dúvidas. Sigo suas indicações ainda que vez ou outra ainda estranhe os hábitos da vizinhança.

Semana passada não compareci as reuniões e elas acharam que eu estava fugindo da luta e quiçá me reunindo com o inimigo. Veja só, logo eu que mal entendo esta guerra. Estou apenas tentando me ancorar neste espaço que chamo momentaneamente de meu, busco forjar parceria e enfrentar a disputa sem precisar me armar. Sem precisar me armar muito. Preciso de tempo, um espaço para atentar à experiência bélica que o presente nos convoca. Acho que assim poderei cultivar outras relações com o presente. Com a história do nosso presente.

Já perdi muito para esta luta, você sabe. Tanto, que agora perco a arena de vista. Como sustentar meu corpo nestes espaços que cheiram a trincheira? Como insistir em ocupá-los? Hoje não quero perder mais nada.

Como ocupar a cidade, a universidade? Estes espaços, onde vez em quando nos encontramos e botamos tudo a perder - porque perder é o que melhor sabemos fazer.

*A verdade é que muitos outros grupos agora compartilham com os negros uma sensação de profunda alienação, desespero, incerteza, perda de um senso de aterramento, mesmo que não seja informado por circunstâncias compartilhadas.*¹¹

Alongo-me... Fico lembrando a sua cara de cansada, de preocupada e aquela cara séria que só você sabe fazer. Percebo

¹⁰hooks, 1990, n.p. Tradução nossa.

¹¹hooks, 1990, n.p. Tradução nossa.

que te escrevo hoje porque acordei de um sonho ruim, mas com um desejo forte de criar um mundo que mereça a minha cria.

A.

Vocês ainda confundem partilhar com (re)partir. A partilha subentende a construção coletiva de um sentido comum à experiência e aos acontecimentos. Não é a repartição em metades – quer seja divisão justa entre as partes quer seja divisão equânime. Se à medida que prevalecer for a necessidade, e continuarmos nos pautando em conceitos abstratos de justiça, não construímos nada e seguiremos chafurdando na lama do presente. Temos que criar outros parâmetros que forcem a contração de coletivos. É preciso sair da esfera da justiça e da necessidade, criar outra entrada que possibilite vigorar coletivos virtuais contemporâneos. E só o faremos se construirmos juntos novos gestos de partilha.

Isso, novos modos de partilhar... de partil...

Ela começa a rir. Rir de mim.

Eu a censuro com os olhos.

Sabe que as três palavras juntas podem muito bem não significar nada... Pera, uva, maçã, não faz salada mista; ela retruca.

Pera? Salada mista? O que uma coisa tem a ver com a outra? Pergunto confusa.

Exatamente. Coletivo-Virtual-Contemporâneo para mim não quer dizer nada. Acho que fora da sala de aula estas três palavras não têm valor algum... Repeti-las não fará com que a vida que vivemos seja mais tolerável.

Eu sentia meu corpo retesar. Ia ficando na defensiva, mesmo sabendo que não era intenção dela me atacar. Ela sabe bem que não se trata de conceitos ou palavras, mas da aposta ética que elas carregam. Ela para de rir, mas continua me encarando com ar de desafio.

Não compro a discussão, só rebato: Me deixa trabalhar, por favor. Já é difícil falar tudo isso sem você me interrompendo.

Ela sela os lábios com os dedos da mão e pisca para mim. Senta no chão com as pernas nuas cruzadas e estende a mão na minha direção. Eu reluto, mas ela faz biquinho... Ensaio esta aula depois.

Agora ela.

Agora nós.

M.,

As ruas estão mais vazias hoje. Os caminhos deste centro que, durante a semana estão sempre cheios de gente, no fim de semana parece cidade fantasma. Maior clima de fim de festa. Olho pela janela a rua, mas parece que não há nada a ver. Nada. Nada é sempre muita coisa.

Outro dia, vi pela tela do celular que um morador de rua, desta mesma rua que o ônibus corta agora, arrumou um jeito de quadrangular seus pertences embaixo do viaduto. No seu reduto de morar, arrumara tudo em seu lugar. Tinha sofá, estante para livros, uma cama, uma cômoda, itens doados ou catados no lixo. Tinha artes penduradas na parede, fotografias e uma mandala. O tipo de decoração que você ia gostar. A galera da universidade compartilhou as fotos da casa a torto e a direito, encantados com o homem. Nas redes sociais proliferaram legendas motivacionais. Um horror.

Eu não consigo entender muito bem o porquê da juventude universitária ter se interessado tanto pela cena. Será que foi por ver na urbe aquela conformação quadrangulada que, até então, só viam nas suas próprias salas de estar? Pela foto, realmente parecia que uma república de estudantes tinha sido vomitada pela janela de um dos prédios, uma decoração feita de restos de casas variadas que formava uma combinação pitoresca.

Esta semelhança, entre os móveis do morador do viaduto e aqueles das suas próprias casas, deve ter confundido a cabeças dos universitários, só pode, viram uma mandala de barbante colorido e um sofá mostarda e ficaram emocionados. Para você ter uma noção um dos comentários no post simulava até uma avaliação do *feng-shui* do cômodo. Esta visibilidade dada pelas redes sociais junto ao encantamento pelo próprio umbigo culminou naquela militância de sofá tão comum hoje em dia.

De uma hora para outra, os internautas passaram a grandes defensores da dignidade humana, alguns se arriscaram para fora de casa e foram lá visitar o vizinho no viaduto, ofertar ajuda, levar um bibelô para adornar a sala, tirar fotos feitos turistas na própria cidade, para guardar na memória das nuvens e servidores. Pelas redes contaram que foram recebidos com sorrisos e braços abertos: pode entrar que a casa é sua! Bem vindos à cidade integrada. A casa dele era só um pedaço adornado de chão, uma porção pavimentada e coberta da via pública que continha móveis em cacos e uma vida planejada na medida do impossível. Dizer 'a casa é sua!' parecia até chacota, mas era verdade, e da verdade eles não riem.

O jovem universitário 'engajadão' não raramente *quando milita no seio do povo, se encanta. Fica literalmente desarmado pela boa fé e pela honestidade do povo, o risco permanente que o espreita é então fazer populismo. [...]. Ora o camponês, o desempregado, o desnutrido não aspiram à verdade. Eles não dizem que são a verdade, pois eles o são no seu próprio ser.*¹²

Fique sabendo que um dia depois da vasta divulgação pelas redes a guarda municipal levou tudo embora. Jogaram os pertences do cara na caçamba e os restos que tinham se formado casa voltou a ser lixo. Só não levaram o cara, pois não tinha aonde jogá-lo. Os abrigos da cidade estão sempre lotados. Os estudantes se rebelam pelas redes, como fazem sempre, um deles chegou a ofertar abrigo temporário para o morador no quarto de empregada da sua casa. A oferta também foi feita pelas redes sociais, não se sabe se chegou ao ouvido do vizinho que, se precisasse, teria abrigo garantido na área de serviço.

¹²FANON, 2015, p. 66

Da morada do cara sobraram só as marcas na parede onde ele contava o tempo num calendário de palitos. As marcas do tempo e ele.

As ruas estão mais vazias hoje. Os caminhos deste centro que durante a semana estão sempre cheios de gente, no fim de semana parece cidade fantasma. Maior clima de fim de festa.

A.

Juntas, do nosso castelo de vidro, tramamos a fuga da prisão. Ela diz que temos que abrir mão das cenas romaneadas, dos casamentos, da monogamia, dos espaços ensimesmados, do bolor do nosso quarto, que temos que arejar as ideias com o calor da rua.

Eu a amo e finjo acreditar. Pois o amor é livre, e ela também.

Talvez eu nem a ame, apenas o jeito que sua pele se ouriça quando se encosta à minha. Talvez eu só ame a sua pele.

Ela valoriza principalmente, mas não apenas, os momentos e encontros casuais que a rua traz. Volta e meia, faz da cidade inteira a antessala para o sexo. Para o seu sexo.

Seu gênero gosta de se acorrentar ao aqui e agora. Descarta o passado e joga o futuro na mão do Deus dos ateus.

Diz que eu tenho muito a aprender, que cabe a ela me ensinar: uma corrente é tão forte quanto seu elo mais fraco, e por isso será o elo mais fraco da corrente que possibilitará a liberação.

Eu acredito, e finjo amá-la. Pois também não gosto de correntes.

Ela quer me levar para onde se é livre, diz que para isso temos que nos libertar dos nomes e das relações que nos aprisionam.

Mas a liberação dos fluxos acontece apenas quando o elo mais fraco da corrente se parte.

Neste nosso abraço onde está o elo mais fraco?

M.,

Hoje foi minha vez de contar uma história para as pessoas aqui casa. Elas, ao me escutarem narrar nossas historinhas cotidianas, sentavam na cadeira, com as mãos agarrando a beira do assento, os olhos se estreitando, como se buscassem no ar uma chave de leitura, informava-me que havia uma genuína curiosidade nas perguntas que me dirigiam.

Havia curiosidade nos olhos delas, mas também certa confusão entre o que eu falava e o que elas entendiam que me lembrava o seu semblante quando virava a noite me traduzindo às poesias do Federico Garcia Lorca, quando fazia *conviver sem naufragar duas temporalidades antagônicas: a lentidão do pensamento, a súbita contração muscular*.¹³

Recontei para elas uma história sua. Conteí daquela vez que você fez um piquete em frente às agências bancárias da Cinelândia para garantir que todos aderissem à greve geral.

Enquanto eu contava, sentia que elas faziam um esforço para entender. Era como se eu estivesse falando em outra língua, e elas estivessem palavra a palavra traduzindo para suas gramáticas próprias nossa história. Até parece que não era história delas também.

A curiosidade no olhar delas me pedia mais. Um pouco mais. Outra história. Outra história, mas qual? Será que elas esperavam escutar uma história de amor eterno e com final feliz? Aquele tipo que, não importa a língua e a gramática, entendemos todos sempre a mesma coisa? Queriam ouvir o que já tinham escutado antes, mas sob uma fachada nova? Queriam histórias onde a vilania e a amizade estão apartadas em estereótipos bem marcados?

Talvez elas também tivessem sido contaminadas pelo vírus contemporâneo de querer o mais do mesmo: os clichês

¹³ZAIDENWERG, 2020, p.19

televisivos, histórias de almanaque, histórias seriadas repetidas à exaustão pela Disney, pela Xuxa e pelos professores de filosofia. Afinal, *há uma constelação de dados, uma série de proposições que, lenta e sutilmente, graças às obras literárias, aos jornais, à educação, aos livros escolares, aos cartazes, ao cinema, à rádio, penetram no indivíduo - constituindo a visão do mundo da coletividade à qual ele pertence*¹⁴.

Parece que eu estava contando uma história em outra língua, mas era tão somente outro tempo. Um tempo seu. Conjuguei meus verbos no presente e apesar da história ser sua usei a primeira pessoa do singular, elas não entenderam. Não entenderam, porque já tem um tempo que este lugar não vê uma greve, não entenderam porque elas estão mais habituadas a outros tipos de ação política, mas principalmente porque não estão habituadas a me ver engajando em ação direta.

Elas estranharam e pela primeira vez me senti estranha neste lugar. Depois disso comecei a notar que elas têm mania de me chamar pelo meu nome completo. O meu nome aqui neste lugar é estrangeiro, de difícil pronúncia para o povo daqui, esquecem do acento e sempre pronunciam com um tanto de erre no final fazendo parecer mais um grunhido do que um nome.

Sinto-me por uns segundos estrangeira, certo tipo de estrangeiridade que *justamente no movimento e no encontro, cria o procedimento de estranhar a si mesmo e ao mundo em uma estética materialista e dinâmica*¹⁵. Eu estranho. Estranho o Eu que habita esta fronteira.

Note que ainda estou cá atormentada com as mesmas perguntas - quais palavras usar para cozer as distâncias entre

¹⁴ FANON, 2008, p. 135

¹⁵ MIZOGUCHI, 2016, p. 29

nós? Que tempos verbais agir para aprender a conjugar vizinhança?

Por hora, fico aqui desafiando histórias fronteiriças que só se tornam inteligíveis quando criam outro universo de sentido, quando aceitamos o convite para ocupar este lugar fronteiriço, este *campo de batalha onde os inimigos são parentes entre si; e [...] Para sobreviver à fronteira, você deve viver sem fronteiras, ser uma encruzilhada.*¹⁶

Teu amô.

¹⁶ ANZALDÚA, 2012, pp. 113-114

A casa está vazia demais. Hoje apenas eu, onde cabem bem mais. Sinto o peito fisgar. Vou para cozinha fazer a janta. Perco a mão. Faço muito mais comida do que conseguirei comer. Fico enjoada de pronto. Olho em volta e tento sorrir. Não consigo. Pego o celular para fazer o convite. Cato o grupo que têm mais gente, nossos amores em comum. Começo a digitar a mensagem. Começo a estender a mão, a fazer o convite: lindezas, hoje aqui em casa tem comida mexicana para mais de metro. Venham. Antes de enviar leio a última mensagem no grupo. Ela pedia direção sobre o ponto de encontro. O local onde se encontrariam antes da próxima ocupação. Fisga o peito, embrulha o estômago, range os dentes. Por que não me chamaram?

O meu bando já deixou a terra. Seguiu sem mim. Foram para o interior. Foram para mais adiante. E eu fui dormir. No sonho, busco outro interior. Outro mais adiante. Um lugar de onde ainda não sou. Um exterior de si. Mais um pouco e chego lá.

M.,

Recebi uma encomenda de mãe nova hoje. Uma caixa com coisas suas que ainda estavam lá. Ela encontrou por acaso e decidiu que era hora de eu me haver com isso. Ainda não abri. Parece uma hora ruim de me haver com qualquer coisa. Está tudo bagunçado por aqui. A casa e as ideias. As disputas na Universidade estão cada vez mais acirradas, o que tem se refletido aqui em casa. Toda mesa de café da manhã acaba virando uma reunião de coletivo e eu sinto que estamos lutando por algo que não entendemos muito bem. As demandas delas parecem justas e fazem sentido. As demandas do outro lado também. Acho que é no modo de alcançar o objetivo que diferem. Há quem ache que o caminho é navegar por dentro da maquinaria institucional, há aqueles já preparados para quebrar com tudo. No entre, outros jeitos mais.

Perdida entre o meio e entre o tanto, Eu. Tentando lidar com a tensão criada quando palavra a palavra a vida vai se polarizando, quem era amigo antes hoje vira estranho e para inimigo não falta muito. Meio inconscientemente eu tento proteger o ego frágil dos meus pares - Ora as alunas. Ora os docentes. Ora Meu bem - como se este gesto me protegesse o meu Eu.

Elas falam de uma psicologia preta, as outras de uma metodologia não-branca. Eu me embaralhava com os nomes, me perdia um tanto entre os nomes dos eventos, meu nome próprio e os apelidos impróprios que circulavam pelo campus. Entre os nomes atribuídos por outros e aqueles autodeterminados, ambos irremediavelmente intrincados. O que não percebera é que talvez a disputa tenha começado bem antes de entrarmos naquela reunião. Nomes próprios e apelidos impróprios carregam entre as letras um tanto de perigo. Eles tendem, a um só tempo, a sedimentar identidades e colocar em movimento marcas de

segregações bem mais profundas. E eu querendo que a disputa se encerrasse antes da hora do almoço para eu poder preparar a aula que daria mais à tarde.

Quando a reunião degringolou, eu já nem sabia pelo que discutíamos, já não continham o grito e eu sentindo algo em mim cingir. No corpo oposição entre os risos desmedidos das tardes que dividíamos, e a raiva com a qual me olhavam agora.

Onde há amor, segue a guerra, mãe nova me costuma dizer. Sem um, o outro não existia. Nunca entendi esta frase, mas é dela que me lembro agora. Da frase e de você, porque em um canto memória mora a certeza de que você iria entender. A frase de mãe nova e a confusão de afetos que me habita.

Amô.

As malas já estavam prontas, uma sacola de restos e uma mala de rodinhas. A viagem, agendada há mais de cinco séculos, marcaria nossa emancipação da vilania do presente; iríamos de mãos dadas em direção ao desconhecido, nosso velho desafeto. Depois de muito tempo iríamos para a rua. Retomar o mundo. Íamos sem medo, pois iríamos juntas. O querer é mar aberto e a necessidade, jangada.

Abri a porta e olhei por cima do ombro, refiz mentalmente a lista de coisas a levar. A bagagem pesava menos do que eu imaginava. Mas estava tudo ali. O telefone toca. Tiro a mochila dos ombros. Pego o telefone, na tela seu número, deixo tocar mais de cinco vezes.

Que tipo de psicose te acomete para ligar a alguém em pleno 2016? Ninguém usa mais esta tecnologia, mande mensagem como todo mundo, respondo. Você manda uma mensagem em seguida. ‘Sinto muito. Não pude te esperar’. Na tela aparece ‘digitando’. E para, e ‘digitando’ novamente. E novamente para. Minutos se passam até que você acha as palavras.

O dia está ensolarado lá fora. Burburinho carioca de verão. O bairro inteiro cheirando a protetor solar. Rabisco palavras deitada em uma rede. A obrigação da escrita adia sonhos de veraneio. Escrevo, pois do contrário morreria. De fome, já que é do verbo que vem a verba, mas antes de tudo morreria de angústia. Padeço deste afeto que acompanham as primeiras vezes, do calafrio que antecede o gesto inédito.

Eu já havia partilhado conhecimento tantas vezes, seminários, palestras, bancas, oficinas, rodas de conversas. Tantas vezes já havia sido a professora, a mestre que anuncia verdades

técnicas, práticas e conhecimentos a ouvintes interessados. Mas será a primeira vez que entrarei na sala de aula depois do último fim de mundo. Depois que ela foi embora esbravejando que o saber comum que nos ligava, que as coisas que eu aprendi e as práticas que carregava de herança já não lhe serviam. Todas tradicionais demais.

Quando ela colocou a mochila nas costas dizendo que eu deveria criar coragem para *assumir o risco da guerra contra os outros, em lugar de solidificar, como [a] professor[a], o laço tradicional falando em [meu] próprio nome e com toda clareza.*¹⁷

Eu não sei bem quando foi que ela começou a olhar para mim apenas como uma alegoria da tradição, como símbolo de gerações passadas, como uma mulher coroa que já não acompanha o tempo presente. Eu tenho catado rugas no espelho, checado a cor dos meus cabelos e até agora nada. Da idade sinto apenas o cansaço. Cansada de ter que dizer para ela, novamente, que é preciso sim muita coragem para assumir na sala de aula uma pedagogia crítica, *como crítica dos preconceitos, dos saberes existentes, das instituições dominantes, das maneiras de fazer atuais.*¹⁸

E eu ainda lembro quando juntas acariciávamos nossas mãos numa cumplicidade jovem. Lembro de quando nossas pernas faziam malabarismos sincronizados para nos manter de pé. Assombra-me que hoje não seja possível encarar ao lado dela a vida e o presente sem que o desencontro evidente das ideias se transforme em uma guerra.

Ela me disse para ter coragem de assumir o risco da guerra contra os outros. Eu tento. Mas guerra contra ela? Contra quem eu tinha como aliada? Não estou preparada. Que me chame de velha, apegada, tradicional, que me chame do que quiser, mas não estou preparada para desejar a aniquilação de nada e ninguém. E me ressinto, me ressinto em ver que hoje ela queira ME ver derrotada para que ela ganhe a batalha.

¹⁷FOUCAULT, 2011, p. 24.

¹⁸FOUCAULT, 2011, p.29.

M.,

Faz sete séculos que não te escrevo, eu sei, certamente não foi por falta do que dizer. Palavras sobram. Faltava ordem. Hoje peguei um papel para te contar histórias de desejo e emancipação. Foram mais de quatro páginas rascunhadas com ideias cortadas pelo tempo.

Para as páginas veio de tudo um pouco: metáfora velha, rima chula, amor, afastamento, novas repetições, mas a precisão necessária para dar ritmos outros ao sentido demorou a vir.

Eu morri muitas vezes desde a última vez que te escrevi. No último ano segui pela vida meio morta-viva, meio zumbi. Trabalhando para pagar os boletos, as dívidas e as faltas comendo os dias sem tempero algum, só pelo hábito da mastigação. Todas as horas coincidiam com aquele clima nublado, dias cinzas sem promessa de melhora. Os últimos anos não têm sido fáceis para as brasileiras, não é mesmo?

Fugi por meses, um ano quase, dos afazeres da Universidade. O romance que era quase amor esfriou. Fugi da disputa, não encarei a briga, mas não teve jeito: morri.

Morri sozinha porque não teci palavra. Sem a leveza das conversas fiadas puxadas pelos chãos, tablados e salas de aula, ficaram só a vírgula, o ponto, a interrogação e a realidade embaçada.

Talvez por isso, volto a te escrever depois de tanto tempo. Quis te contar do meu passado recente, do meu presente. Para ver se consigo renascer. Você sempre foi muito boa em me doar vida.

Preciso voltar a me alimentar com o tipo de presença que tempera nosso tempo. E você sempre foi ótima em me manter alimentada. Preciso lavar as nódoas de sangue que resta nas

mãos e nos verbos. Quero ter por perto as palavras, como eu aprendi com você: a ser melhor e não.

A.

Abro a porta para sair do veículo e o Motorista me olha pelo retrovisor como se eu fosse uma atração de circo. É verdade que esta mochila deve pesar quase metade do meu peso e ter dois terços do meu tamanho. Ponho um braço em cada alça, tento fechar a presilha no colo, mas cadê a outra metade? Estas faixas sempre se embolam. Pronto, estou encaixada na mochila, mas a minha metade de lona se prende na porta, forço o corpo e giro desengonçada. Parece que esse trambolho que me carrega, e não o inverso. Em pé na calçada, recentro o peso do corpo, bato a porta do carro mais forte do que previa. O Motorista faz uma careta e bufá. A primeira reação espontânea que ele faz desde que iniciou a corrida. Foi mal, desculpa, culpa da mala!

Esta avenida é o pesadelo dos motoristas de carros de aluguel. Não há ordem. É como se os moradores simplesmente decidissem pelo gosto qual número pintar na frente de casa – Mamãe, mamãe, quero morar em um número par hoje, e a mãe obediente vai lá e escreve na porta o número 100.

Mas eu inventei todo um tratado de navegação orientado pela cor das sacadas: nas de tons vermelhos, a numeração termina em múltiplo de três, casas sem varanda terminam com o número sete, prédios envidraçados não contam, pois, para todo efeito, aquelas abominações de *Blindex* sequer compunham o bairro. Um pouco de ordem. O avançado da hora e o breu da rua não me assustam mais.

Começo a fazer o caminho até o destino certo – seu destino se encontra a esquerda – olho a numeração da rua pular desencontrada; sessenta e oito, noventa, setenta, cento e vinte dois, o destino certo, enfim...

A mochila triplica de peso agora, a bagagem se agiganta, uma lufada de cansaço vem do nada. Cento e vinte e dois, prédio baixo de quatro andares, varanda grande, teto alto, prédio velho, cansaço antigo. Não é a primeira vez que venho aqui, será a última? A gente nunca sabe do futuro.

Vou descansar só um pouquinho aqui. Sempre gostei desta escadinha. Só quatro degraus na frente do prédio, mas dá para ver a movimentação dos bares quase dentro de casa. Mantenho os pés apoiados no canteiro de flores; no pequeno pedaço de terra, as plantinhas moribundas que costumávamos nomear. Nomes e histórias próprias para cada pezinho em flor do canteiro; lembro dela falando: Linda, cuidado com as rosas, seus espinhos machucarão os pés. As grades do canteiro, que cerceiam o crescimento dos pés de rosa, têm o mesmo tom de verde deste trambolho que trago nas costas.

A mochila de lona pende para o lado, mais um centímetro, uma brisa qualquer e quedam os quatro degraus. Bagagem, cuidado, frágil: bibelô de avó, lembrança de viagem ao Piauí, frasco de perfume pela metade, roupa suja, roupa dela, roupa minha, roupa limpa.

Um carro vermelho passa cantando pneu na esquina, no susto sou eu que faço a brisa necessária. A bagagem queda um, dois, três, quatro degraus. O passado nunca fica onde a gente deixa. Não é só porque tudo acabou que está tudo terminado. E já é tempo de eu retomar a conversa com o outro lado.

M.,

Abri a caixa com seus pertences. Finalmente. Que surpresa reencontrar entre as miudezas da vida tuas cadernetas e anotações diárias. Um tanto de passado nosso lá.

Ter testemunhado você insistir na luta escutando as histórias da vizinhança, anotando em seus caderninhos mundos recriados é o que me ajuda a seguir trilhando os caminhos de ensino e escrita hoje. Você perseverava neste gesto delirante de fazer tanto com tão pouco. Alheia a cólera tirânica que os censores dirigiam para ti.

Tenho aprendido só agora a lidar com o *sentimento tão forte da caducidade das existências e obras humanas, [e a] inventar estratégias de conservação e mecanismos de lembrança.*

19

O presente tem cada vez mais se parecido com um mosaico feito de fragmentos de outros tempos, basta dar uma olhada nas notícias. As coisas se repetem, se rebatem e replicam diferentemente. Os acontecimentos mais parecem cacos que se alojam na pele mantendo abertas chagas ancestrais.

Veza ou outra o passado me chega como um eco, um zumzumzum no ouvido, um sonho, um delírio, um ruído deste que de início não sabemos bem do que se trata. Algo que fica ali reverberando nos sentidos, vez em quando - nisso tenho contado com a sorte - deste burburinho do passado, com os sentidos afetados advém direções, perspectiva, passagens que até então eu não tinha previsto. Afinal, um *acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois.*²⁰

¹⁹ GAGNEBIN, 2006, p. 97.

²⁰ BENJAMIN, 1994, p. 37.

Hoje acordei com você na lembrança novamente e com vontade de te dizer que está tudo bem, tudo bem que alguns dos pedaços de ontem fiquem no hoje.

Você por exemplo, tudo bem. Pode ficar se você quiser permanecer um pouco nesta cidade que é nossa, nesta cidade-memória onde você já está, tem espaço para você.

Penso que já é hora que eu fortalecer o exercício de escrita, retomar conversas, escrever com mais gente, retornar a arena e via texto *lutar contra o tempo e contra a morte através da escrita* ²¹

A.

²¹GAGNEBIN, 2006, p. 146.

VOLTAR

Venha, vamos ser amigos pela primeira vez.
Vamos facilitar a vida, vamos ser amantes e
amados, a terra não deve ser deixada a
ninguém.

(Provérbio Sufista)

Se alguém por mim perguntar

1 mensagem

De: Monteiro <monteiro31602@gmail.com>

Amanhã, às 23:19

Para: Amô <amo654@gmail.com>

Tudo está um caos por aqui. Também. E além de tudo mais que acontece, eu ainda tendo que me haver com percursos da pesquisa. Cá estava eu, como você bem sabe, me ocupando de pesquisar práticas espaciais, modos de ocupar os espaços, Políticas de Habitar. Mas aí o mundo acaba novamente. Os movimentos que tomaram o espaço da Universidade, da ocupação da academia pelos estudantes, a criação de políticas afirmativas no programa de pós-graduação, a emergência de espaços coletivos paralelos de enunciação e organização²², Semana Paralela da Psicologia Preta e Indígena²³ – forçam reposicionamento.

Pesquisar no presente parece que necessariamente terá que assumir, para além do viés ético-militante, um caráter ontológico.

Quem é você? Do que fala o seu ser? Quem é você que escreve isso? Quem é você que questiona isso? Quem é você para afirmar isso ou aquilo? São estas as perguntas que têm me acochado dia e noite. Identidade política. Lugar de fala. Saberes localizados. Produção situada de conhecimento. E mais um tanto de palavrão me tirando o sono.

Mas como dar conta desta ‘demanda’ sem entrar numa *egotrip* ferrada? Como dar relevo ao que é próprio e singular sem, no entanto, obliterar àqueles outros seres com quem divido o espaço e me relaciono?

²² Uma ocupação preta autônoma e autogestionada no centro do *campus* Gragoatá da Universidade Federal Fluminense que tinha como pauta a construção de debates acerca da PEC 241/2016, PEC 55/2016 e MP 746/2016, a precarização do serviço terceirizado na UFF, a criação e adoção de medidas que combatam as fraudes nas cotas e a construção de um Espaço de Convivência e Diálogo aberto, que tenha foco na vivência negra (Texto de apresentação retirado da página de rede social do referido evento. Disponível em: <https://www.facebook.com/ocupapretin/>).

²³ Em setembro de 2017, o curso de psicologia da UFF/Niterói organizou sua X Semana de Psicologia, com o título: “A vida como obra de arte: psicologia e política dos tempos atuais”. Entre as 80 atividades colocadas, nenhuma tinha tema sobre raça, racismo ou negritude. Um grupo de estudantes de variadas cores, gêneros e universidades organizou e compôs a I Semana Paralela de Psicologia Preta, que emergiu no dia 18/09/2017. Evento que marca a luta no espaço acadêmico por uma ressignificação que contemple o alunado preto, mulher, pobre, indígena e periférico! (Texto de apresentação retirado da página de rede social do referido evento. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/uff.psisparalela/about/?ref=page_internal).

De uma hora para outra os alunos parecem menos interessados em se indagar sobre temas das pesquisas, objetos e métodos de investigação, arcabouços teóricos e cada vez mais atentos as marcas do pesquisador, ao ser de quem pesquisa.

Te juro, está cada vez mais difícil escrever. Porque você sabe que tudo que eu quero é imprimir ranhuras nas categorias que assumimos como nossas e que definem nossos espaços, criando distâncias, apartando os corpos. Quero manter o movimento destas e nessas categorias para denunciar que exatamente naquilo que se quer estático e estanque insistem modulações criativas, processos em andamento por outras formas de vida.

Pesquisar sempre exigiu que enfrentássemos as relações de poder e as tramas estruturais – racismos, machismos, capacitismos, etarismos e coisitas mais – este complexo esquema que condiciona nossos gestos enunciativos. Mas como fazê-lo sem nos embaraçar de tal modo que nos quedemos impedidos de narrar?

Mas agora isso.

Não sei se é um fenômeno que está rolando apenas por estas bandas de cá, mas parece que a cada linha que escrevo tenho que pedir licença para um sem número de populações. Não tô reclamando, não. Eu até acho mó bom este movimento todo. Mas é que realmente estou cá com as letras atadas. E sei que você terá a paciência de me ajudar, sem me julgar (muito) e vai me dizer sem melindre se é muita babaquice minha este estranhamento.

Me diz, aí.

Pode mandar a real, eu aguento.

Bj.

São tempos difíceis para os sonhadores. Em 2011, essa universidade viveu uma longa ocupação de reitoria. Em 2012, uma greve histórica. Em 2013, o mundo (re)conheceu a força da juventude e dos trabalhadores nas ruas nas grandes Jornadas de Junho. Se hoje a PEC me apavora, há muitos anos que essa democracia burguesa vem desmontando a educação, sucateando nossa saúde, matando nosso povo. A Pátria Educadora já não ensina tão bem. O nosso sistema de saúde modelo já não consegue cuidar. O Estado já não assegura. Mulheres, negros e negras, trabalhadores e trabalhadoras, continuam sendo o elo mais fraco. O que nos mantém em movimento é ver que ainda há resistência. As ocupações, os atos, as greves. Nossos instrumentos de luta.²⁴

E ela aqui me perguntando o motivo de eu voltar tão tarde. Eu digo. Eu disse. Falo dos livros que eu li, das ideias e debates, da professora que em toda aula leva a turma para o gramado e anuncia que já é hora de viver para fora das páginas. Essa proposta precisa de um esforço a mais de todos nós. De criar e de se implicar.

Acho que ela não entendeu. Ela é do tipo de gente acostumada com o aqui e agora. Agora. Agora e aqui, mas nunca lá.

Nunca lá onde navego na multidão de olhares dispersos. Nunca lá onde vejo muitas caras conhecidas, semblantes sofridos dos quais ela se esquiva. Lá onde ela só conhece as pessoas de vista e de praça. Lá onde abraço é intimidade forçada. Nunca lá, onde mora a diferença que não está preparada para abraçar. Lá onde ela não se sente acolhida. Onde é mais uma mulher com olhos tristes com medo de se perder na multidão. Lá onde nos conhecemos. E para onde eu volto.

²⁴Texto coletivo produzido pela turma de 2016.2 no ínterim da disciplina obrigatória Subjetividade e Exclusão Social do Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Arena

1 mensagem

De: Sane <sane31602@gmail.com>

Amanhã, às 03:17

Para: Amô <amo654@gmail.com>

E daqui, cumpro o trato de te mandar notícias. Hoje a pauta de discussão foi sobre a saga dos livros quase censurados na Bienal Internacional do Livro. Pelas telas um dos garotos da história leu para todos as *threads* da rede social. O pastor prefeito da cidade – afrontado com a imagem de um beijo entre os personagens de uma história em quadrinhos – manda todos os livros com conteúdo LGBTQIA+ serem recapeados de preto e adesivados como impróprio para menores. Cidadãos da internet revoltam-se. Os autores liberam os livros grátis nas lojas virtuais. Cidadãos da internet revoltam-se. Um *youtuber* famoso compra milhares de obras e distribui gratuitamente os títulos para leitores assumidos. Cidadãos da internet revoltam-se. O autor da HQ não se manifestou, ou se o fez não figurou entre as *threads* mais *tweettadas*. O desenhista britânico, contudo, agradeceu ao prefeito pastor por dar visibilidade e divulgar o seu trabalho.

Mas nada disso é novidade ou surpresa para quem anda atento ao nosso tempo, bastava um clique e você saberia disso tudo antes de mim. Aquela sua gambiarra tecnológica está a funcionar ainda? Tem conseguido acompanhar as notícias? Neste canto da cidade, as notícias te alcançam? Nhé, na hora do acontecido você devia estar dormindo ou espantando insetos com outros livros.

O que me lembra que por aqui acabamos com a infestação de baratas. Então pode vir tranquila semana que vêm. Eu havia indicado para que comprássemos aquele caríssimo artefato que serve de isca e mata as infames em suas tocas, mas a precariedade financeira e o sadismo dos jovens universitários daqui – eles gostam de ver as bichas estrebucharem – fez com que optassem por um método mais radical, um veneno *hardcore* em aerossol, tão perigoso quanto antiquado, ainda que eficaz. A custa de uma ou duas plantas, morreram os insetos. Estou até hoje me deparando com cadáveres.

O que quase não saiu ileso foram os livros da biblioteca do Instituto. Com a desculpa da infestação de insetos, os guris reviraram todos. Desentocados das estantes e caixas em que estavam expostos à luz do dia e aos olhares, os indefesos livros foram sequestrados. Os estudantes viciados em cheiro de antigo não tem vergonha, são

assumidamente cleptomaníacos. Vêm e apanham das estantes livros e ideias sem respeitar a ordem em que a bibliotecária os colocara – por temática e procedência. Eu fingi que não vi e agora finjo demência, se alguém perguntar nunca teve livro nestas estantes. Posso ser acusada de cúmplice, mas não me desespero. Os livros e as ideias que lá figuram são tão resilientes quanto às baratas – ainda que menos inocentes que os insetos – alguns poucos devem ter sobrevivido em algum canto escondido. Se não, é só esperar que alguém os taxe como impróprios, que sejam veiculados grátis pelas redes virtuais mesmo que a revelia dos autores.

Estou aqui às voltas com a escrita da minha própria história imprópria também, mas estou empacada na mesma frase há séculos. Na minha caderneta só tem umas frases soltas e rabiscos. Se você já estivesse aqui, me perguntaria o que eu quero dizer com a cena, e eu te diria o que digo sempre, que não faço a menor ideia. E como sempre, seria mentira. A gente sempre sabe mais ou menos para onde quer que a história siga, mas às vezes as personagens empacam e ficam indecisas. Parece ser o caso agora.

A protagonista desta vez está empacada na frente da porta de casa com as chaves na mão, esperando que eu a empurre em alguma direção. Eu que já estou irritada com ela, só sei que ela não pode mais ficar lá parada, mas ainda não sei para onde ela irá. Não consigo resolver um caminho a tomar.

Às vezes, acho que você teria escrito esta história melhor do que eu. Esta coisa de casa e modos de habitar são as suas especialidades. Mas se é de ficção que falamos, podemos escrever sobre aquilo que não experienciamos na vida, né? Sim, eu acredito que podemos. Ainda que isso aumente a possibilidade de o resultado ser bem medíocre de modo que leitor nenhum acreditaria o suficiente para se engajar na leitura. Mesmo a ficção, também, é mistura de apostas, crenças e verdades.

Acontece que, sem você aqui, eu não sei muito bem como criar personagens; elas ficam chatas, lisas demais e acabo ficando aqui neste brincar com imagens. Sem consistir em personagens, resta-me dar palavra para as imagens.

Se eu fosse uma boa escritora, eu teria tido uma ideia para uma história, ou um personagem que me obceca; se eu fosse uma escritora medíocre, eu seguiria à risca os manuais de escrita ficcionais e enquadraria as ideias nas formas e gêneros. Como não sou uma coisa nem outra, sou apenas uma pesquisadora – que escreve por obrigação, ainda que eu também faça por gosto – tenho apenas perguntas.

O que faria das palavras nestas páginas caminho para criar uma resposta? Criar... resta que daí, interrogação afora, toda a palavra que segue é inventada. Assim como são inventados os modos de arranjá-las na página. De início, sempre será a dúvida, quiçá no meio e no fim também. É nesta experiência de se colocar em dúvida onde brotam todas as minhas letras. É quase sempre sobre a experiência de duvidar. Quase. Não tenho certeza. Quase, não. As certezas que tenho sempre serão uma ficção. Está aí o problema de misturar pesquisa com literatura, é preciso assumir de saída que estamos ficcionando verdades de verdade.

Ai, mas está cedo demais para começar a falar a verdade, por ora me ajuda a resolver o dilema desta passagem?

A passagem é: Agora, a casa está vazia. Não resta nada seu ali. Cada cômodo pronto a habitar. Eu espero ela sair.

Relutante, ela entrega as chaves.

Mas também poderia ser: Agora a casa está cheia. Cheia de espaços, lacunar. Cada cômodo pronto a habitar. Eu espero você chegar.

Relutante, ela entrega as chaves.

A metáfora está empoeirada, é verdade, mas copo é copo, casa é casa.

E o que eu quero dizer com a cena? Te pago um *chopp* logo menos se você descobrir.

Saudades. Você vai ao ato de amanhã? Se for, me avisa.

Até menos.

Na mochila uma muda de roupa e uma escova de dente. Chego ao *campus* já à noite. A fogueira acesa, garrafas de bebidas alcoólicas que imitavam vinho tinto rodam de mão em mão. Algumas caras conhecidas me sorriem na chegada e abrem espaço no banco improvisado com caixotes e pedaços de madeira.

Preparavam-se para a reunião de final de turno. A regra de ouro da reunião era que quem trazia um problema também deveria trazer a solução. Ou ao menos uma solução provisória. Queriam evitar que o espaço de reunião virasse apenas um espaço de queixa. Queriam que fosse um espaço de deliberação, de decisão. Decisões sobre pautas muito importantes: a porta do banheiro do térreo que não fecha. Se a gente fizer uma escala organizando os horários de uso, diminui o risco de ter nosso espaço invadido em momento de vulnerabilidade. Momento de vulnerabilidade. Usam mesmo este vocabulário, e usam com a mesma desenvoltura que bebem Cantina da Serra em copo de plástico. Discutem quem vai cagar primeiro com a mesma seriedade de quem decide o futuro do país. *Afinal, a criação de institucionalidades e rotinas que favoreçam a participação popular, uma maior justiça social e uma melhor qualidade de vida exige uma “espacialização” adequada, em matéria de malha territorial, de formas espaciais, de incorporação e valorização de sentimentos de lugar, de eliminação de signos opressores inscritos na paisagem.*²⁵

O pessoal da psicologia quer que a gente libere a sala deles para o acolhimento de pacientes.

Mas alguém proibiu a entrada deles?

Não, mas a sala de atendimento estava ocupada quando um dos estagiários chegou.

²⁵SOUZA, 2006, p. 112

Usava outra, ué, diz para eles que a sala não é deles. Que se querem eliminar os signos opressores inscritos na paisagem, que comecem por esta mania de privatizar espaço público. Aliás, não diz nada não. Por que eles não estão aqui na reunião? Quem veio falar contigo?

Um guri da pós-graduação disse que não ia colar na reunião porque não quer atropelar o movimento dos graduandos.

Depois reclamam que a gente que está decidindo programação e atividades sem eles. Ficam aí com este papinho de autonomia do graduando e na hora de chegar junto, lavar um banheiro, cortar uma batata, só meia dúzia aqui. Aluno é aluno. Não se cansam de criar distância. Se ficassem aqui com a gente... É este o papo. Quanto mais horizontais as relações que estabelecemos aqui, mais facilmente reconhecemos as assimetrias que persistem mesmo quando coabitamos, né. Na fila do café da manhã tu já se liga nas diferentes afiliações, desde teóricas, partidárias, políticas e afetivas. Mas se ninguém empurrar fica tudo tranquilo, que vai ter pão para todo mundo. É só ninguém querer passar por cima de ninguém e não chegar já atrasado, cheio de fome e pressa, querendo só dar conta do teu, que cê não arruma inimigo. Já dizia o poeta, a fome e a pressa são inimigas da ocupação. Foi tu que falou isso, não foi, irmão? Agora, quem vai pegar o último horário do banheiro?

Agora, sério.

Quem tá se importando mesmo com a porta que não fecha?

No meu caderninho eu anoto: Tudo aqui cheira a café da manhã e cerveja.

Delírio

1 mensagem

De: Campos <campos31602@gmail.com>

Amanhã, às 05:32

Para: Amô <amo654@gmail.com>

Entrei naquela sala de aula com a firmeza de um sonho branco. Achando que tinha alguma coisa a ensinar. Esta ideia não durou os quinze primeiros minutos da aula. Saí de lá achando que era melhor renunciar à altivez e aprender a falar em Banto, falar em línguas ou qualquer outro gesto que me ajudasse a descer do tablado e chegar mais perto daquilo e daqueles que faziam a cidade arder.

É tanto carinho para dar e receber... essa noite me senti amada e amando, no mínimo seis para mais pessoas... Acordo certa de que preciso agradecer a alguma entidade qualquer pelos caminhos nunca só.

A gente esquece que gostar é simples, a gente esquece como estar presente. Só que continuamos presente. Mas tenho me sentido um tanto fragmentada também. Este espaço quase me engole hoje.

Será que daqui a setenta anos a gente ainda vai se lembrar de estar aqui? Das barracas. De dormir no chão das salas de aula. Será que você ainda vai se lembrar das histórias delas? Das mulheres que vieram antes de nós? Será que ainda nos restará memória? Será que ainda conseguiremos olhar isso aqui com outros olhos. Os corpos de luz que circulam desencontrados de si pelo campus, tecendo com palavras a chama, rodando a gira pela via do verbo.

Preciso te dizer que não está sendo nada fácil para mim, periga eu queimar junto. Era só um gole, agora cascos de litrões na mesa e mais uma ressaca. Sabe, são muitos ruídos, pouca coisa – quase nada – têm sido escolhas individuais. E tem os boletos, a família desestruturada (um puta palavrão), vontade de voltar para casa..., mas estou em casa, e é só segunda-feira.

Não está sendo fácil. E acabou o *Engov*. Esta semana quando voltar traz mais umas cinco cartelas para o pessoal daqui.

Beberico aquele líquido roxo enquanto vejo a chama da fogueira diminuir, enquanto eles discutem sobre qual o modo mais interessante de usar o gramado. Enquanto escolhem qual tema querem debater nas aulas abertas e quais deles irão conduzir a atividade. Perguntam-me qual atividade irei ofertar e eu demoro a responder. Eu não tinha pensado em ofertar nada. Eu esperava mesmo era receber. Talvez eu só quisesse a transitoriedade de quem sabe que a universidade não é casa, mas ainda assim é um espaço a ocupar. Talvez eu só queira ficar com quem sabe, ou acha que sabe, que a própria definição da ação política na qual se engajam muda a cada vez que outra pessoa entra na roda. Talvez eu precise estar com quem aposta que a luta não é apenas por qualidade de vida, pela sobrevivência. Talvez eu só queira ficar com minhas amigas.

Ensaio

1 mensagem

De: Assis <assis31602@gmail.com>

Amanhã, às 14:50

Para: Amô <amo654@gmail.com>

Voltei para república hoje. Minhas costas não aguentavam mais dormir naquele chão. Saí de lá prometendo voltar rapidinho, mas dormi e só acordei agora. Está tocando Belchior na casa da vizinha e o cara de bigode diz 'eu ainda sou bem moço para tanta tristeza'. Eu acreditei. Mesmo que minha casa esteja uma zona, mesmo que na geladeira não tenha mais do que água e cerveja, mesmo que eu ainda esteja brigada com Amô, mesmo que o Presidente seja um babaca, mesmo que meu estômago tenha dado para doer, mesmo que nada de bom passe na TV, mesmo que você não tenha respondido meu último e-mail. Eu acreditei: 'eu ainda sou bem moça para tanta tristeza'.

Daí me levanto em um salto, olho a agenda, reorganizo os afazeres, faço a cama, grito o carro da verdura, beijo a foto do Amô, desligo a TV, ligo o rádio. O que farei sobre o Presidente eu ainda não sei, mas por aqui... penso em fazer caldo verde para o pessoal da ocupação. E mandar uma mensagem para Amô, ver se ela já me perdoou. Vc vem hj?

Ps. Me escuta que isso é muito sério. Você também é bem moça para tanta tristeza.

Empoleiro-me no alto do palanque onde isolam os professores e desato a falar as bobagens ensaiadas sobre metodologias de pesquisa e modos de habitar a cidade. Ela chega à sala de aula, olhos vermelhos, sorriso aberto e segue na minha direção sem pressa. Eu sinto a cidade ficar vinte graus mais quente.

Diz que veio mandada desde o lado de lá por uma amiga em comum. Uma amiga que sabia que meu sol em escorpião nublarla se eu ficasse por muito tempo só por aquelas bandas. Mandou-a na minha direção como se me ofertasse um presente.

Deço do tablado e sento ao lado dela. Eu rio.

Sentar-se ao lado e rir. Bem melhor que a atividade que eu havia planejado, bem melhor que caldo verde.

Bálsamo

1 mensagem

De: Wokes<wokes31602@gmail.com>

Amanhã, às 13:46

Para: Amô <amo654@gmail.com>

Abro o seu e-mail no meio da tarde. Para nós ainda é manhã. Estamos estiradas na cama, ela servindo mais uma xícara de café enquanto briga com o cabelo que insiste em cair nos olhos. Eu mordisco uma torrada, te leio e rio, por dentro e por fora. Minha vida é tão mais interessante na sua imaginação. Estou bem. Estamos bem. Fico feliz em saber que tem se permitido viver paixões, este sentimento que decerto não apazigua a doideira angustiante do mundo, ao menos nos acalanta um tanto. Fico ainda mais feliz em saber que as minhas palavras de 'sabedoria' não tomaram força oracular, e a distância não impediu o amor.

Eu tenho cavado caminho para as palavras aqui também, tenho lido mais palavras dos outros do que escrito as minhas próprias, mas este avesso também me fortalece. Minha pesquisa engasga pelos caminhos, mas faz parte do processo de pesquisa, este recortar e colar retalhos da vida e livros. Neste texto que tento chamar de tese um aglomerado de pedacinhos queridos, e doridos, de vida. Têm um tanto de você lá. Ainda que eu não saiba bem precisar onde, em que parágrafo ou página, mas você certamente está lá no texto, como está aqui na vida.

Você tem razão, amizade boa é aquela que dá vontade de verbo e de pele. E você sempre mobilizou em mim os dois, quase na mesma medida. Para seguirmos nos amando e emaranhando nossas palavras e vidas, te mandarei aqui o que tenho escrito da tese. Ainda está tudo meio confuso, mas acho que isso não impedirá a leitura. Me manda sua monografia, manda?

Por ora nos amemos via verbo para logo menos aproximar a pele em abraço.

Gosto-te aquele tanto que você sabe.

Ela cheira a café da manhã e cerveja. Ela é jovem como nós. Chego a catar com os olhos fios de cabelo branco em sua cabeça e não contei mais que cinco e, ainda sim, considero que eles indicam mais cansaço do que idade.

Eu não sei se é sapiência ou o ar professoral que ela sustenta, mesmo sem querer, que faz com que os outros fiquem atentos e procurem em seus gestos caminhos e ensinamentos. Ela tem este efeito nas pessoas. Ela fala manso. E tem o hábito de perseguir nosso olhar para garantir que estamos acompanhando as ideias desalinhadas dela. Pergunta de dois em dois minutos se nós estamos entendendo, se faz sentido o que ela está falando. Sem arrogância. Na verdade, debaixo dos seus olhos sou eu que me elevo. Eu que me sinto superior. Ela é mais velha. Eu sou mais alta. Ela do interior. Eu sou desta cidade. Ela mais estudada. Eu mais viajada. Entre nós, o gosto pela travessia. O desafio de cruzar essa aparente assimetria. Tatear das mãos até que estejamos na mesma altura e possamos dividir o mesmo chão. Acho que ela é do tipo de pessoa que nos traz para mais perto quase no mesmo gesto em que expande nosso universo.

Anúnciação

1 mensagem

De: Meu bem <meubem31602@gmail.com>

Amanhã, às 21:12

Para: Amô<amo654@gmail.com>

Sinto-me como se tivesse em um daqueles sonhos onde não consigo me mexer. Onde a gente tem que fugir porque o vilão se aproxima de espada na mão, e nossos pés ficam colados no chão. Só quando sinto a pele rasgar que acordo. Suor na cara, buscando papel para anotar antes que o sonho se assuste e escape da memória.

Às vezes o que vai para página carrega um tom de confissão, onde o passado é o vilão. Histórias de coisas que ninguém quer mais saber, histórias que todos já sabem, mas fingem esquecer. Eles querem esquecer. Querem que eu esqueça. Eu tento. Mas isso de tentar forçar esquecimento, de calar a parte da história que dói, só acaba fazendo que ela apareça com mais força nos meus sonhos. Traumas infantis e reminiscências diurnas já diziam o tio Freud.

Você segue me dizendo que histórias podem nos salvar, que devemos aprender a partilhá-las. Mas esqueceu de pactuar comigo qual seria o exato objeto, quais experiências iríamos partilhar. Sabemos que nem tudo é passível de narrar e nem tudo se configura como experiência, e nem toda experiência é passível de partilhar. Este medo, por exemplo, como falar dele?

Chafurdar nas experiências de medo e dor sozinha tem me prendido no mesmo lugar.

Hoje li seu último e-mail e teu papinho de que a experiência é minha, a vida é minha, o texto é meu. Que depois você revisa. Que não quer atrapalhar meu processo. Que não quer dar pitaco na minha vida. E chama de ética esta postura esquivada. Eu chamo de temor. Ou preguiça. Preguiça de admitir que minhas histórias também são suas. Preguiça de se implicar com estas dores, as vividas e as inventadas. Tá com medo, é? Medo de se ver refletida nas minhas palavras?

Já era o quarto grupo a participar da atividade que propus naquele dia. Seguíamos ali debaixo da tenda. Fora do horário. Fora da sala, mas dentro dos muros da universidade. No exercício de registrar e partilhar as histórias que vivíamos no espaço da ocupação. Mas não só. Elas leem o que haviam anotado nas cadernetas como quem comparava notas de navegação. Elas falam de saudade. Da família, do pão de queijo da vendinha da sua cidade. Do namorado que arrumou um emprego em outro estado. Do pai que se foi. Do pai que nunca esteve. Do medo. De muito medo. Falam de como não sabem do que falar. Falam que não querem falar. E eu insisto com elas que contar histórias é dar passagem para um tipo de força irresistível. Repito o que aprendi: que o exercício de dar um relato é sempre em relação com uma audiência – seja material ou virtual (em todo caso, sempre imaginária)– que é de fato o enquadramento para nossas palavras.²⁶ Contamos por que há uma força irresistível que pede passagem. E, especialmente, porque há quem ouça/leia.

Por isso não irei escrever mais. Porque quando cheguei à casa ela estava sentada no sofá. Minha mochila aberta. As cadernetas no chão. Ela leu. Você entende? Minha mãe leu tudo que eu escrevi. Tudo. TUDO.

Tudo?

Ela pegou a mão da menina sentada do lado dela, entrelaçou os dedos.

Tudo, entende?

Eu não quero ser a pessoa que diz que não temos espaço. Que não temos tempo e espaço para nossas histórias. Para elas eu não preciso dizer.

²⁶ BUTLER, 2015a; 2015b.

Colapso1 mensagem

De: Wokes <wokes31602@gmail.com>

Amanhã, às 00:32

Para: Amô <amo654@gmail.com>

Te leio e me pergunto: quem é o Ela que habita tuas histórias? E não é você.

É você?

Pergunto-me, mas ao fazê-lo me encabulo com a questão. Afinal, do que interessa saber quem é Ela, por que e a quem importaria estabelecer quem é personagem e quem é autor?

A pergunta parece tola a quem já se ocupa de produzir e consumir ficção há tempo suficiente para saber que quase tudo nesta vida são artifícios e invenções. Mas se tudo é inventado e produzido, resta saber as condições de produção, né?

A literatura não deve respostas a ninguém, a mim tampouco, acho que nem quero respostas, mas fico com a pergunta. Como se faz este Ela? Fico com a questão, pois quero saber como este Ela que aparece nas tuas linhas pode conjugar com outros Elas/Eles/Nós da minha vida.

Você se açoitava dizendo que no texto há apropriação cultural, roubo de lugar de fala... Será? Se sim, do que se apropria? Da condição angustiada meio suicidária de pessoas que fazem do sufoco e da falta de ar condição para sentir e afirmar que estão vivas? Apropria-se da precariedade dos corpos que circulam pela cidade sob risco? Apropria-se do medo e da vulnerabilidade disfarçada de força? É isso tudo que está querendo, sem querer, se apropriar, minha amiga?

Te digo da posição que me foi dada, do lugar de mulher, de preta, mas sobretudo de sua amiga: se você acha que isso não é seu e ainda assim quiser se apropriar, pode levar para você. Se quer se apropriar disso, pode ficar. Pois nada disso é meu.

Tudo isso está em mim, marcado na minha carne, mas não, não é meu. Este medo, esta raiva, esta tentativa de controlar a própria morte para enfim me sentir viva, estes afetos em desalinho que me impele aos comprimidos não são meus. Se quiser levar para você, junto com os clonazepan, a cocaína, o colo frio da minha mãe, a ausência morna de meu pai, o excesso de cafeína, a dificuldade de amar e ser amada. Se quiser eu boto tudo

isso em uma caixa e *shippo* para você. Eu ponho tudo isso em uma carta e envio para estrangeiro ler. Aliás, por que alguém em sã consciência ia querer tudo isso para si?

Quando diz que rouba o lugar de fala é tão unicamente porque utiliza o Eu lírico feminino? Ou por que sente e sabe que aquilo que acomete e atravessa sua personagem não traz suas experiências? Acha mesmo que o que Ela que performatiza no seu texto expressa são apenas um apanhado de possíveis vivências alheias? Tudo dos outros, nada seu?

Você acha mesmo que tudo isso que vigora no seu texto não é seu? Tudo isso já não é seu também no momento da escrita? Se julga que estas marcas não comparecem na sua experiência, algo vai muito mal por aí.

Eu te disse que não estava com raiva. Acho que menti. Estou com raiva, não de você, mas desta montagem que faz você achar que tudo isso já não é seu. Tenho raiva desta força que faz com que estas palavras só saiam para a página quando você cria um Ela para enunciar. Por que não te é possível enunciar em primeira pessoa? Que tipo de força maligna te distancia das suas próprias palavras, a ponto de você julgar que se apropria ou rouba algo de alguém? Que montagem assombrosa é esta que faz com que, quando a morte dos outros te mobiliza, para acessar os afetos te é necessário criar outro alguém?

O seu Ela diz que tem medo. Mas, Ela não tem medo do que vai acontecer, ela tem medo de não saber como é. Tem medo de chegar o dia em que lhe joguem no chão e a impeçam de respirar. Ela tem medo de que da próxima vez que um corpo preto tombar seja o dela. Por isso se ocupa de treinar.

O Ela do seu texto me disse tanta coisa, Ela me disse inclusive que Ela não sou Eu. Ela não roubou nada de mim para poder existir.

Não preciso de exercício para me preparar para o dia em que me faltar ar. Porque eu sei como é! Sei mesmo como é. Respirar nunca foi fácil. Sempre em soluços, descompassado, como se vez ou outra o meu corpo esquecesse como fazer para sobreviver, respirar por si só já é um exercício, o movimento não é automático, é um esforço.

Se estiver mesmo preocupada em respeitar os limites dos lugares de enunciação, basta testar como suas frases ficam se você trocar todos os Ela do seu texto por Eu. Tente. Será que perceberá, como eu, que já está a sufocar antes mesmo de ter os pulmões

desenvolvidos? Será que perceberá que, neste mundo de hoje, sufocar é sim o destino de todo ser vivo? Simule você a vida dEla.

Me conta, quando começa a te faltar o ar?

Com estas palavras te envio o pouco de oxigênio que tenho para dividir. Pode parecer que o ar que sai daqui para aí está sulfuroso, sinto muito por isso, mas é o que acontece quando se convida para co-habitar este lugar (de fala e de falha) em que vivo. O ar tem cheiro de morte. O que sai de mim pode arder nos seus olhos, prenda a respiração se necessário, sinta o ódio retesar o músculo que empunha a caneta, descanse. Só não esqueça de voltar a respirar, pois te quero viva e te quero bem.

Te amo.

Estico o braço para alcançar o celular tentando não a acordar. Na noite passada, música alta e cervejas – muitas e variadas – evidenciavam o trato: tentamos ignorar qualquer coisa de mundo, de fora. Se possível, fazer da casa casulo. Se possível fosse, seria. Um esquecimento compartilhado. Ela queria inventar no pequeno espaço do quarto algo que fizesse festa na retina, que adocicasse os gestos, algo de comemoração e de folga. Para os ouvidos, música popular de duas décadas atrás, para a pele, outra retinta pele bastaria, para as ideias, ideais antigos. Para uma, outra. Ela dizia que ali nós bastaríamos.

Nós quem, cara pálida? Sempre e toda vez que ela usa de um Nós para justificar seus desejos, esta é a frase que me brota na língua. No “Crise e Insurreição”, o comitê invisível fala de uma insatisfação coletiva que agrega. Butler diz que tanto o medo quanto a esperança nos aproximam, já a hooks fala da sensação de desamparo e do anseio pelo movimento de criação. Em algum momento aqui em casa o nós virou força motriz dos gestos mais cotidianos. Do que iríamos comer, a escolha do canal de tevê, da assinatura da revista. “Nós quem, cara pálida?” Nós quem, Amô? Mas eu calo a interrogação. Em parte, porque entendo que o nós que ela quer presente é este, eu mais ela que me assombra tanto. Em parte, porque não entendo como ela pode querer tanto isso se há tanto mundo entre nós. Nenhum “nós” deveria ser aceito como algo fora de dúvida quando se trata de olhar a dor dos outros.²⁷

Acordo um pouco antes do despertador com esta pergunta ecoando.

Como ela pode não notar a multidão que habita um par? Talvez o pacto que queira fazer seja o do esquecimento. Mas eu não esqueço.

²⁷ SONTAG, 2003, p. 12.

Agora ela se dana em maldizer os amigos que tenho. Nossos amigos. Acusou-me de fazer nas Ocupações, nos atos e nas greves a mesma coisa que fazia em bares. Que para mim nada é sério. Que tudo é festa. Que o que me convoca nas reuniões do coletivo não são as pautas, mas as saias rodadas das meninas. É o flerte com o lugar de poder. É a vontade de ocupar o lugar de quem pode decidir como o dia seguinte se dará sem ter que consultar nada nem ninguém. É a liberdade de criar as regras apenas para burlá-las no momento seguinte. Disse que para *nós nada mais é fixo, nada mais é origem, nada mais é centro, nada mais é periferia, nada mais é definitivamente coisa alguma*²⁸. Nos chamou de desonestos, de Anarco-fascistas.

Na última noite ela me acompanhou ao ponto de ônibus, insistindo em pegar na minha mão. Antes de eu virar a esquina perguntou se eu voltava a tempo de dormir com ela. Eu disse que não. Ela perguntou mais uma vez. Depois outra e outra ainda. Na última vez, eu menti.

²⁸ ROLNIK, 1990, p. 62

Destino

1 mensagem

De: Wokes<wokes31602@gmail.com>

Amanhã, às 05:12

Para: Amô <amo654@gmail.com>

Às vezes acho que você, ao tentar retrair os enfrentamentos citadinos narrados naqueles sem números de livros que coleciona na estante, perdeu algo de vista.

Estava aí preocupada em não fazer das suas palavras prisões; mas agora, que joga nas páginas sem rumo, não consegue ocupar e sustentar o seu lugar nos acontecimentos.

Eu leio aqui o que você escreve e não te vejo. Sei do que fala, entendo a história, mas não vejo você. Se antes você estava preocupada de não fazer dos nomes uma prisão agora eu sequer sei quem está falando. O perigo parece ser outro. As últimas páginas que me enviou parecem artigos científicos, daqueles bem característicos das ciências duras.

Sei que você também tinha o desejo secreto de se tornar escritora e que, se dedicou a tua vida a fazer pesquisa, foi apenas por acidente; e também porque, no exercício acadêmico, por uma via ou outra, colecionar e contar histórias são seu trabalho.

E consegui. Tuas teses, tuas científicas ficções, não devem nada às literaturas de ficção brasileiras – repletas de histórias de um mundo globalizado que nos convoca os sentidos. Além do mais, já sabemos que *escrever a história e escrever histórias pertencem a um mesmo regime de verdade*.²⁹

Mas este pedaço de você, este você escritora agora me escapa. Ou melhor, foge do texto.

Talvez este vagar pelas estradas tenha te deixado meio descontraída de si. Parece que alguma coisa aconteceu no caminho, e aquilo que antes te fortalecia o verbo hoje te enfraquece. Eu de cá sinto que, frente a esse tanto de estímulo citadino, ao invés de se recompor a cada passo dado, com as pedras do caminho, você se despedaça. E se afasta cada vez mais de mim.

Quando você me conta das ruas, dos perigos que tem enfrentado nelas, o que eu sinto é que você vai se deixando de lado, deixando de aparecer no texto até quase não restar nada. Brado para as marcas na parede deste quarto, cadê a mulher que gritava

²⁹ RANCIÈRE, 2005, p. 59.

comigo que eu devia fazer uma escrita implicada, deixar minhas marcas nos textos? Que no texto também há espaço para tecer cidadania e pertencimento, estas coisas tão difíceis de se criar nas ruas asfaltadas que temos andado?

Sinto você como um daqueles personagens de história estrangeira, como o Ernesto daquele livro quando este saiu *na busca pela infância, crente de que voltando às origens recuperaria o tempo e o espaço perdidos, Ernesto procura resgatar sua identidade fragmentada constituída por sucessivas perdas. No entanto, encontra-se apenas com a impossível ubiquidade: não pode permanecer a dois lugares simultaneamente e por consequência não pertencia a nenhum lugar.*³⁰

Se o tempo veloz das metrópoles te destitui de chão firme o suficiente para que se assente as ideias, será que não é tempo de você cessar as andanças um pouco, não? Pois *as rápidas mudanças no cotidiano dos seus lugares de origem excluem qualquer possibilidade de acolhimento com o qual eles possam se identificar política, cultural, ideológica, social e afetivamente.*³¹

Talvez seja a hora de catar um espaço para se refazer. Escolher um nome para chamar de seu. Se ocupar de tecer cenas onde suas experiências caibam. Sem se preocupar se irão taxar teu nome próprio como impróprio? Sem se preocupar se tentarão te aniquilar feito baratas?

Você pode fazer isso por aqui. O que acha? Venha.

Bj.

³⁰ PEREIRA & SOUZA, 2016, p. 293.

³¹ PEREIRA & SOUZA, 2016, p. 297.

Entre uma linha e outra da leitura me inquieto com a ideia no parágrafo. A ideia reverbera em outras ideias. O corpo pede para expandir. Deito no sofá, ocupo bem mais espaço do que ocupava sentada, ainda é pouco. Estico-me como quem se espreguiça, mas o livro ainda nas mãos limita o gesto. Quase sem pensar apoio o livro no rosto, os olhos fecham por reflexo, braços e pernas esticadas, mais, um pouco mais, respiro fundo. O cheiro de livro acorda o corpo inteiro. Corpo esticado de olhos fechados, página colada na face, palavras nos lábios, parágrafo no pulmão, expansão. Tem hora que as palavras convocam o corpo inteiro. Aí me vem sua imagem. O sorriso delas. Um eu te amo escrito na margem da página. Um beijo de despedida distraído. O relato escrito meio diário, meio confissão.

Expando-me mais ou me encolho? Expando e encolho.

O sorriso vira uma ofensa. “Eu te amo”, uma declaração de guerra. “Eu te entendo” é um escudo fraco. O quadro é de calamidade, e a palavra pede cada vez mais força.

Bicicletinha

1 mensagem

De: Wokes<wokes31602@gmail.com>

Amanhã, às 04:00

Para: Amô <amo654@gmail.com>

Preciso te contar. Finalmente admito que o que estou escrevendo é um livro. Eu comecei a rascunhá-lo nesta praça onde beberica tua cerveja. Volta e meia entregava fragmentos dele aos professores como parte de uma avaliação ou outra. Eu cheguei a te pedir para ler os fragmentos e revisar as minhas vírgulas umas dezenas de vezes, lembra? Mas só recentemente começo a tratá-lo como um livro mesmo. Ainda que, até então, me pareça um aglomerado de ideias desalinhas.

Parto da minha experiência neste campo de pesquisa, este espaço caótico que habitamos ambas que às vezes chamo Universidade, as vezes Ruas, casa e cidade, mas hoje chamo de vida.

Sigo com esta minha mania de registrar meu cotidiano, mas também porque as práticas potencialmente homogeneizadoras ativadas pelas encruzilhadas e esquinas têm me tirando o ar. E inventar saídas pela via da escrita sempre me ajudou a respirar.

O texto ainda está uma bagunça. Um conjunto de pequenas narrativas ficcionais ainda sem muito enredo ou *plot*. Não acho que dará um romance, está mais para uma antologia daquelas pequenas historinhas que você e eu não cansamos de inventar.

Algo me diz que eu não serei capaz de escrever nada muito distante das experiências que tenho. Que aquilo que figura nas linhas e entrelinhas do meu texto já está marcado por aquilo que fui e sou nas relações que teci.

As histórias são narradas por uma personagem que, até então, não tem nome próprio, por vezes a nomeio como trabalhadora, às vezes chamo apenas de: Ela.

Eu passei muito tempo tentando decidir se a personagem seria psicóloga como eu, preta como eu, carioca como eu. Sustentaria o mesmo gosto por café amargo, jogos de videogame e literatura? Ou o melhor modo de contar estas histórias seria enredar a personagem às categorias majoritárias que atravessavam o espaço que habitava? Seria então interiorana valenciana, mãe preta, chefe de família vivendo no limite da extrema pobreza e proprietária de uma casa e uma vida que não eram as minhas?

Enfrentar o exercício narrativo a partir destas marcas, sem nelas me encerrar, é um desafio. Um nome próprio, uma categoria profissional, ou o gosto anunciado por café amargo pode muito bem servir de álibi para que eu não dê relevo no texto àquilo que escapa estas marcações.

O lugar de fala a partir do qual a personagem enuncia me parece de saída, borrado por outras paisagens, interseccionado com outras marcas e lugares.

Não acho que as personagens deveriam, necessariamente, emular categorias definidas a priori, até porque é a mistura imanente destas categorias que me interessa. Psicóloga, mas estudante; Pesquisadora, mas trabalhadora; Carioca, mas moradora do interior; Assalariada, mas mal remunerada; Preta, mas não retinta; Mulher cisgênera, mas lésbica. Livre, mas com saudades de ser par.

Como narrar o que extrapola estas localizações e estas marcas? Como contar histórias que deem passagem àquilo que não as define, mas, no entanto, as atravessa?

Se meus textos refletem algo daquilo que eu sou, o fazem mais pela assunção das condições de enunciação – e narração – das interseções que ocupo, do que pelas características com as quais doto minhas personagens.

É no jogo da escrita ficcional que eu aposto, assumindo que nele poderia enunciar mais do que o modo como as coisas são, ou foram, em suas condições materiais atuais, mas também o que poderiam muito bem ter sido, em sua virtualidade, portanto.

Assim, a personagem segue sem nome próprio, não figura no texto categorias anunciadas, por fim, não sabemos bem de onde ela veio ou a origem de seus gostos e gestos, se fazia escolhas, se tinha preferências, estas apareciam no ínterim de relações contingentes, da vida e da escrita e não como efeito imperativo de um traço de personalidade, ou marca individual assumida. Esta estratégica indeterminação, estas lacunas que o texto ostenta, auxilia-me a dar passagem a histórias tecidas com vetores heterogêneos, que de saída implicavam não só a mim, a personagem que eu criava e o campo de pesquisa que habitávamos ambas, mas também a pessoa leitora que se ocupa do texto.

Não espero, portanto, que ela enuncie a verdade do campo de pesquisa, mas antes, que complexifique a arena que habitamos, tecendo novas e provisórias articulações entre aquilo que julgávamos distantes. Que ajudasse, por fim, a avizinarmos as vidas, casas, conceitos e experiências.

Através do exercício narrativo, na escrita tento forjar outros modos de ser mais afeito a partilha das experiências sensíveis cotidianas. Não experiências quaisquer, mas aquelas que, suponho, irão nos ajudar..

Mas aí os parceiros me leem e perguntam: mas quem está falando isso? Quem é a protagonista? Quem é a narradora? Quem é vc, cara pálida?

Você ainda acha que é possível que na urdidura da escrita criemos a passagem – do verbo ao substantivo – para a potência de conjugar? Ainda *aposta em um projeto de humanidade negra comprometido em conferir visibilidade a trajetórias que nos fazem enxergar a diversidade que nos constitui. As potências que carregamos, multiplicamos e que estão ausentes dos grandes meios de comunicação? Acredita num tipo de intelectualidade produzida a partir de saberes comuns, tecidos na interação entre Mulheres Negras de diferentes gerações*³²?

Me interessa assumir radicalmente a condição fronteira dos lugares de enunciação, das interseções que conjugam um pouco de dentro e um pouco de fora, um pouco de rua e um pouco de casa e também um pouco de você. Um pouco de você. Ao te ler sinto que talvez seja isto que eu preciso. Um pouco. Só o tanto necessário para que esta escrita saia do meu umbigo e se faça livro.

Tenho uma proposta. Um convite. Um desafio. Quer escrever este livro comigo? Quem sabe assim, de verbo em verbo, vamos chegando mais perto uma da outra. Quem sabe nos encontramos novamente. Você me disse que tem me sentido perto, que as vezes parece que estou por aí, que minha ida fora um delírio, mas Meu bem, eu não estou aí. Não exatamente aí, mas estou pelos arredores. Estou aqui. Bem aqui onde o presente se avizinha com o passado.

³² XAVIER, 2017, n.p.

Hoje decidi tentar novamente me comunicar com o outro lado. Segui até a linha branca imaginária que indica o fim e o começo dos lugares. Aquela fronteira rabiscada no chão que indica: Aqui Nós, do outro lado, Eles. Aqui eu pertenço, Ali passo a ser estrangeira. Como o ET do filme, com o coração e a ponta do dedo brilhando, eu apontava para lá, lá... casa.

Subo no pedaço de madeira que ajuda a marcar a fronteira. Do trono roto do rei morto, pego na bolsa empoeirada o microfone para dizer palavras gastas. Tento.

Um, dois, três... testando.

A voz sai mais aguda que o normal. Mais alta do que o volume indicado a uma mulher negra naquelas bandas. De cima do pedaço de madeira carcomida, grito.

Um, dois, três... testando.

Quando criança, se eu ousasse falar, minha mãe me lançava aquele olhar de lado que tinha a duração breve de um suspiro, mas era o suficiente para me informar que era melhor eu nem pensar em continuar. Senão...

Mas agora eu ousava, abria a boca e falava.

Um, dois, três... testando. Cada vez mais alto.

Um, dois, três... TESTANDO.

A repetição dos números me acalmava. O verbo no fim da frase me lembrava que eu estava fazendo algo antes de chegar à casa das dezenas.

Era isso. Um teste. E apenas isso.

Nunca houve resposta.

Sabe que eu não me lembro do fim do filme. O ET volta ou não para casa? Acho que sim...

Ele precisou gritar? Bastou a amizade com o terráqueo e a bicicleta voadora?

Às vezes a vida parece ficção científica.

Tenho que arrumar para nós uma bicicleta voadora com cestinha. Isso, o segredo era o veículo com a cestinha na frente. Cestinha para carregar amigos alienígenas. Assim que aprender a voar de bicicleta, vou para lá, fazer novas amizades. Assim que aprender a andar de bicicleta, te visitarei. Tomara que não se assuste com o tom da minha voz.

Um, dois, três... testando.

Na frente um abismo

Largo e fundo.
Nas costas toda a bagagem
Na sacola memórias
Tira das costas
Joga para dentro
Joga no fundo
Teu mundo

O buraco é imenso

Senta e espera

Um segundo

Três

vidas

Dois mundos

Mais viajantes chegam

Despejam

juntos

Fúria e restos

Caminham sobre
o passado

Nos olhos

poeiras

do hoje

Detritos do ontem

Nas costas
um abismo

O buraco

ainda é
imenso

Mas dá pé.

ESTAR**no ritmo do tempo:**

o beat mais lindo do mundo
pulsa o seu Okan

lembra
, avisa y
celebra no

vento:

estamos vivas

hoje

tamos vivas

ontem

tamo viva

amanhã

(Tatiana Nascimento, 2020)

Amô · 18:09

Estou morrendo de saudades de estudar com vc... eu to aqui escrevendo um artigo ruim para apaziguar as demandas da coordenadora do projeto de extensão que paga minhas contas e tentando me enganar e dizer que vou usar isso para minha tese.

Sane · 20:16

Enquanto isso. Tô vendo um seriado maravilhoso, uma comédia romântica sobre a viagem do primeiro ao último amor e de como os que se cruzam conosco, ao longo deste percurso, determina quem somos quando encontramos aquele alguém.

Sane · 15:12

botei Fanon no meu artigo

Amô · 15:13

Hahaha, mas tirou alguém?

Sane · 15:14

tirei o Benjamin de la
deixei em outras partes
o Fanon entrou numas partes q tô falando de
poder
ah, tirei um freire perdidão

Amô·15:18

Tranquilo. Não deve ter ficado muito aleatório não. rsrs

Sane · 15:20

muito, não
só um cadinho
to aqui ajeitando referencia
avaliadores que lutem

Amô · 12:55

E eu aqui lutando para escrever artigo com Meu bem, que tem o hábito de ficar polindo as frases. Refazendo parágrafos. O que é

bom, mas pouco produtivo se o argumento do texto não tiver bem alinhavado.

Sane · 12:56

Se foi aquele texto que vc me mandou eu NÃO entendi NADA do argumento.

Amô · 12:56

Exatamente. Neste artigo, por exemplo, ela mudou (quis mudar) o argumento três vezes

Pois é... No fim eu tbm já não sabia bem sobre o que estava escrevendo.

Tinha um argumento montado para afirmar a partilha, narrativa e enunciação localizada como modo de enfrentamento as violências de uma cidade segmentada por uma lógica binária. Ou como contar histórias pode nos salvar do terror das noites neste trópico.

Daí ela quis tirar a cena de violência.

Daí ela quis tirar a cena de partilha.

Daí não sobrou mais nada a não ser um manejo pouco produtivo de rememoração...

Ela está com receio de afirmar a sapatônica como saída para as relações com homem abusivo.

O que eu entendo. Mas aí invés de trabalhar melhor texto ela tira ele.

Sem remontar o argumento.

Um jeito de escrever bem sintomático.

Sane · 13:04

Eu entendo, mas poderia trabalhar e afirmar como possível também

Amô · 13:07

Esta dificuldade de ficar com as questões e enfrentar os riscos de produzir coisas esquisitas - como narrativas de confissão ou salvação - dificulta a produção textual coletiva

Sane · 13:07

Seria um sintoma universitário contemporâneo?

Esquiva de se colocar em perigo público?

Amô • 13:08

Possível.

Se ela não está disposta a retrabalhar os argumentos com mais afinco como produzir junto?

Eu tenho andado com outras meninas. Oferto para elas semanalmente uma oficina de escrita. Não, mentira. Fazemos juntas uma oficina de escrita.

Elas sabem quem são. Não sentem a falta em si. Sentem raiva. Muita. Ódio mesmo. Ódio de você. E elas não te conhecem, mas pressentem. Talvez seja porque quando meu telefone toca algo me vira o vento que sai pela boca. Eu mudo o tom e elas sentem o tormento. Sentem ódio. Se dependesse delas, você morria queimada junto com toda a sua raça. Elas nunca me confessaram isso, escaparam da missa e frequentam os lares dos sem cristo aos domingos e lá fazem coisas que nem se você tivesse junto teria visto. Escrevem. A escrita delas tem um quê de filme de viagem, de travessia, de caminhada muita em tempo pouco. Tiro curto. Nada parecido com aqueles longa metragens russos que você me chamava para ver no escuro. Elas escrevem do futuro.

Amô · 18:04

Tem uns amigos com uma sala giga no centro do Rio. Posso sonhar que vc vai montar uma série de oficinas de escrita comigo? Rs

E sublocar o espaço

Meu bem · 18:05

Eu topo muito montar isso baby, ate atender to me aventurando
 preciso de dinheiro, precisamos vamos pensar nisso real oficial?
 fazer um projeto sério

Amô · 18:10

semestre passado fiz oficina de escrita com as meninas do coletivo preto daqui. E dei uma aperfeiçoada no Manejo. Rs
 Porque o mais foda de fazer oficina de escrita. É convencer as pessoas a escrever. Rsrs

Meu bem · 18:19

como foi?
 tipo, a proposta

Amô · 18:21

Eu tenho trabalhado com a articulação de três registros/índices. Memória, imagem e experiência. Daí faço em geral três exercícios,

A ideia é partir destes três índices, (memória, imagem, experiência) para a produção textual singular.

Um exercício de memorização. Onde os participantes escrevem a primeira memória que tem. Um de tradução da imagem em texto - daí escolho uma na hora. E após estes exercícios produzimos uma narrativa-eco. Que visibilize o que ficou após os exercícios.

Mas oficinas que dei por aqui tinha tbm a pegada de 'forçar' um exercício de localização (Haraway) da pessoa autora.

Ir mapeando as marcas que aparecem e aquelas que damos visibilidade com as palavras escritas.

Meu bem · 18:27

pera, preciso entender melhor. rola um skype
por agora? daqui 5 minutos?

Elas fazem parágrafos itinerantes, desses que você pode pegar pelo revés. Copiar, jogar aqui, colar e montar por lá. As personagens caminham meio sem rumo, mas nunca perdidas. Sempre sabem onde estão e fazem da encruzilhada, vida. Elas escrevem como quem borda, escolhem o desenho e ponto a ponto fazem uma linha preta. Escrevem como quem ginga, amolecendo as ideias. Dançam e lutam no mesmo gesto. Escrevem como quem navega pela rede, como quem corre o dedo na tela, gostando e desgostando de imagens, criando comentários soltos sobre as ideias e textos feitos para compartilhar. Escrevem como quem habita um tempo próprio. Um tempo que não é meu, mas pode muito bem ser nosso.

Amô · 16:22

Aqui, este parágrafo seu (abaixo) está publicado em algum lugar? Tô precisando de uma definição de narrativa para colocar num artigo que estou editando com Meu bem.

"As narrativas produzem efeitos de multiplicação, seja por incômodo ou encantamento; quem ouve a história pode replicar a história, mesmo que vá alterá-la, na medida em que o ato relacional de contar e ouvi (ou escrever e ler) é central nesse processo. As informações, por outro lado, exigem de quem lê (ou ouve) uma segurança, na medida em que uma verdade estabelecida é apresentada"

Tava no artigo q você submeteu agora. Dá para citar ele no prelo? Ou Você tem este fragmento em outro canto

Sane · 16:37

Vixe, deixa eu ver

Até porque eu acho q vc pediu para eu mudar esse parágrafo

Amô · 16:40

Pedi. Rs

Porque no seu texto ele não era necessário.

No meu é. Ahahah

Sane · 16:41

mas eu acho q eu te desobedeci

E no meu artigo está assim:

Histórias incompletas, que inspiram transmissão aberta e reposicionamento daquela pessoa que as conta, podem ser entendidas como narrativas. Walter Benjamin (2012a) discute tal ideia em diferentes textos, e exercita-a em sua maneira de contar histórias para crianças ou para adultos (Benjamin, 2015; 2012b). O autor opõe dialeticamente o modo de transmissão das narrativas a um modo informativo, típico da modernidade que ele analisa. As narrativas produzem efeitos de multiplicação, seja por incômodo ou encantamento; quem ouve a história pode replicar a história, mesmo que vá alterá-la, na medida em que o ato relacional de contar

e ouvi (ou escrever e ler) é central nesse processo. As informações, por outro lado, exigem de quem lê (ou ouve) uma segurança, na medida em que uma verdade estabelecida é apresentada. Desse modo, a estabilidade do conteúdo é o que mais importa, mas, por ser deveras cristalizada, a possibilidade de engajamento é reduzida e, assim, é necessário consumir cada vez mais informação. Para Benjamin (2012a), a voracidade indica que tal cidadão moderno só encontrará paz com a exaustão ou, como um contraponto, tendo contato com narrativas fantásticas e impossíveis, desligando-se da relação com as histórias ao seu redor.

Amô · 16:43

Acho que vou citar o artigo.

Ficou como o nome?

Sane · 16:43

O menino morto com um sorriso sem dentes: Narrativas de assassinatos de adolescentes por LGBTIfobia no Brasil.

Amô · 16:43

Eu até devo ter na minha dissertação ou tese algo semelhante, mas o seu estava mais a mão e não faz mal dar uma visibilidade ao texto do amiguinho.

Sane · 16:44

Tem o risco de mudarem, no caso de vc fazer citação direta
mas enfim
namastê
ou de recusarem! haha

Amô · 16:44

Hahahhaa

Melhor citar a tese?

Sane · 16:45
acho mais seguro

Amô · 16:45

Tá

Sane · 18:16

Fiz uma sessão de escrever via zoom com um vigiando o outro e às vezes comentando algo, deu bem certo

Amô · 18:16

Como assim? Escreve no Google docs? Com o zoom ligado?
Muita tecnologia envolvida

Sane · 03:50

Não não, cada um no seu texto
Fazendo coisas diferentes
O zoom ligado pra ir batendo papo
Já que não dividimos o saudoso sofá
Saudades sofá

Amô · 05:14

Ahhh, assim eu gostei.
Quero fazer isso tbm. Rsrs
Vou até voltar para tese. Rs
Muita.

Sane · 05:25

Ainda recuperaremos
Bora, mas depende dos nossos fusos
combinarem
Semana q vem pode ser

Amô · 05:25

Sim. eu só estou acordada por um acaso. Numa insônia de Quarentena.
Mas podemos fazer isso na semana que vem sim.

Sane · 07:49

SANE está convidando você para uma reunião
Zoom agendada.

Tópico: Implicantes com a Universidade
Hora: 02:00 PM de Ontem at
Sabe-lá-onde-fica-isso
Entrar na reunião Zoom
<https://zoom.us/j/939501445>
ID da reunião: 939 501 445

Quando elas me perguntavam se eu achava que o que escreviam era escrevivência ou cartografia, se era vida na escrita ou a escrita uma via, ficção ou autobiografia, desconversava e propunha um exercício: que contassem para a página a memória mais antiga que tinham. Fizeram. Eu não sabia que caberia tanta dor em somente dez parágrafos. Mas coube. Uma depois da outra narram, fazendo as pausas necessárias para secar as lágrimas e molhar os lábios com raiva salivada. Quando liam as histórias separadas, entrecortadas, parecia com o fim da vida. Ferida aberta, memórias despedaçadas. Mas quando lidas juntas, sem pausa, começo de uma no fim da outra, o colapso deixa de ser destino e o que era delírio vira anunciação. Anunciação de que o que virá será uma vida una, uma coleção de histórias vivas de onde não precisariam escapar.

Amô · 14:40

Você viu que Woke vai dar um curso ainda agora sobre Fanon e Deleuze.

Pelo que eu entendi o mote é que Fanon inventou a filosofia da diferença antes dos Franceses

Sane · 14:49

Fanon fez coisa muito melhor. Pra que encaixar ele na filosofia da diferença?

Eu ia dizer que a gente não faz isso porque tem vergonha na cara. Mas a gente não tem.

Então é algum outro motivo

Amô · 15:46

Eu tbm não sei o motivo... Só sei as consequências. Rs não ganhamos 5 dígitos por mês.

Sane · 15:50

Bom falar mal das pessoas com vc, saudades

Amô · 15:52

Bom fazer polêmica com vc, saudades.

Eu fico muito sem saber como me posicionar... Sabe. Porque na real é isso... Eu não acho que esta galera na vibe palestrinha esteja produzindo conhecimento.

Mas estão cavando espaço de/para fala e garantindo visibilidade para algumas questões importante. Isso vale alguma coisa...

Só não sei à custas de que e de quem.

Sane · 15:58

Provavelmente a custa do conhecimento

Por exemplo, as pessoas podiam te ler e usar o que vc discute de Fanon

E te citar e paz

Ajudar as pessoas a circular

Agora, as universidades por onde circulei seguem valorizando apenas os clássicos.

Citar clássicos é se manter como a referência

Mesmo comentadores, só valiam grandes nomes OU pessoas que eu conhecia

Amô · 16:07

Mas agora a onda. É a criação de uma imagem para si e repetições de conceitos que os ajudem a sustentar esta imagem. Talvez seja isso que esteja se tornando 'conhecimento' no presente.

Sane · 16:08

Facebookização do conhecimento?

Bom minha tese é meio assim também

Amô · 16:08

Yep

A minha tbm. Rs

Enquanto a gente se ocupava de imaginar um presente onde coubesse mais vida, elas habitavam o futuro combinando de não morrer. Elas escrevem no já do futuro, enquanto nós estremecemos no limiar do presente. Elas escrevem para se manter vivas. Dizem *Tô cheio de ódio*³³. Dizem-se *Viajantes*³⁴ de um afrofuturo onde já não são objetos, mas profissionais implicadas³⁵. Ocupam-se de *dizer o que se cala*³⁶. traçando no vento *linhas de cuidado e militância*³⁷ e o fazem para *reduzir danos do racismo*³⁸.

Elas escrevem para ficar vivas aqui, enquanto nós escrevíamos para achar saídas.

³³ SANTOS, 2019

³⁴ MEDEIROS, 2020

³⁵ ROSARIO, 2019

³⁶ CARVALHO, 2020

³⁷ CAMPOS, 2022

³⁸ SOUZA, 2020

Amô · 14:09

acho que vou tentar concorrer esta fellowship aqui.
<https://iprafoundation.org/2020-senesh-fellowship-announcement/>

só dizer que a aposta no vizinhar é a apaziguação de conflitos territoriais frente a tensões identitárias e raciais e pronto

Sane · 15:20

Awards are considered based on need;

VC JA GANHOU, anexa seus extratos

Acho perfeito. No Rio de Janeiro pós verdade é meio q isso mesmo

Vizinho pode ser mais seguro que polícia

Ou pode ser polícia

Ou pode ser agressor

Vizinhar pode ser estar junto

Amô · 13:40

Estou aqui com prazos atrasados, relatórios de extensão, parecer de banca de monografia tudo atrasado... Nunca vi desempregada com tanta tarefa a fazer.

Sane · 14:06

Hahahahahahaha

Descobri q sou Pardo, quero lugar de fala
 (Mentira)

Mas Aqui tem umas dez etnias nos formulários, de acordo com os backgrounds mais comuns

Geralmente marco outros e escrevo latino-americano

Me chamam pras atividades para “estudantes de cor” (seria a tradução literal, mas não soa bem em PT)

Não de primeira, geralmente acham q sou da península ibérica

Pardo aqui significa que não sou branco com background x, y ou z

Ou negro com background x, y ou z

Ou oriental com background x, y ou z

(Sim tem categorias dentro das cores aqui)

Amô · 16:00

Tem uma expressão usada nos espaços de militância que tenho circulado 'não branco'... Pois só é negro quem tem consciência da sua negritude e age a partir dela... Se não o faz, se não afirmar sua negritude politicamente, você é somente 'não branco'. Esta nomenclatura tem me ajudado a quebrar com as enfadonhas discussões pardistas. Rs se é reconhecimento que eles querem e não querem mais ser brancos... Pois bem...

Ai ai esta proliferação de nomes... Como se esta cadeia de significantes fosse dar conta de evidenciar o que colocamos em andamento e sustentamos com o nosso corpo.

Localização é bem mais que nome... Mas quem sabe por aí isso esteja agenciado de outra maneira. Por aqui fazer um questionário deste só ia dar passagem para branco fazer branquice, homem fazer homice. Ia se mais um show de horrores. rs

Sane · 16:04

Boa estratégia

Aqui esses backgrounds têm relação com o processo de colonização, em parte

Essas subcategorias são pra identificar sua “origem”

Falando em Origem como está mãe nova?

Hoje. Olho mais uma vez o relógio. 23:55. Minha cura para a mesmice logo chegará. Conto suas passadas. Aliso a pele e antecipo a mudança que me prometeram. 23:56. Das juras que me faziam, a pontualidade é a única que sei que nunca quebrará. Vocês virão. A espera pode ser um tormento, mas também uma oportunidade para imaginação. 23:57. Chegarão. Não já, daqui a pouco. Deixarão eu percorrer toda a sua extensão densa? 23:58. Passo os dedos no metal do portão, cravo a unha na tinta. Meu corpo sobre o seu tempo, lento. Como se pudesse fazer das horas carne. 23:59. Ofereço-me inteira. Aceitam? É tudo uma questão de... minuto. 00:00. Amanhã. Aqui estão. Encaro o céu para vê-las melhor, mas num átimo as perco. Amanhãs já são hoje. Olho mais uma vez o relógio. Já é hoje, de novo.

00:01

Sane · 16:00

Como ta aí?

Amô · 16:02

Sei lá. Rs

Tô num eterno "sei lá".

Algo no meu corpo não acompanha as mudanças e retrocesso do mundo. Tenho visto as notícias e tudo está meio embaçado.

Por fim volto para cama e vejo seriado até a hora de trabalhar.

Abro e fecho os arquivos dos textos em andamento, um conto, um artigo, uma tese. Largo lá mais uma frase de efeito e fecho.

Tô bem improdutiva. Ou produzindo algo que não sei o que é...

Ainda sem consistência.

Não é o caso de me afligir e me cobrar produtividade, nunca fui destas e normalmente sou até vem indulgente comigo.

Mas estranho o modo como tenho estado... Este ritmo lento, sem vontade de nada, um quase.

Um quase coisa nenhuma.

Sei lá.

Deve ser só mais uma face da preguiça.

Sane · 16:10

HA

acho bom prestar atenção

que já seria mais do que um nada

seguir viva é consequência da produção

e viver ta exigindo muito

eu ri alto com a frase de efeito

Amô · 16:15

Acordei dia destes de um sonho estranho. Com a seguinte frase na cabeça

A primeira vez que acabou o açúcar eu não sabia o caminho do mercado e Eu tive que esperar vc voltar para me salvar um doce. Hahahaha

As frases de efeito não tem tido sentido. Rs

Sane · 16:19

eu gosto

uma boa imagem pra prosseguir

Ô esta chamada de artigo aqui

<https://periodicos.ufes.br/prodiscente/announcement/view/378>
 ele me disse que adoraria receber
 ensaios/narrativas

Amô • 16:23

Tenho algumas coisas escritas sobre a experiência docente na disciplina de oficina de escrita na Universidade

Sane • 16:08

But a revista não é bem avaliada na Qualis.
 Então se for mandar vai ser algo que seria
 impublicável em outro contexto.

Amô • 16:26

Rs é só isto que escrevo né. Coisas impublicáveis em outro contexto. Cartas para o presente e Mensagens urgentes que podem ser adiadas.

Mas acho que eu cheguei num platô onde as questões meio que se apaziguaram.

E eu tenho evitado entrar em outras questões e sertões.

Sane • 16:46

não pode
 desbrava isso
 mas talvez precise fechar algo ne
 e escrever sobre o colapso atual?
 Que começou a greve do primeiro mundo?

Amô • 15:15

A do terceiro mundo começa dia 18.

Sane • 15:18

Que ocuparam o ministério da Saúde?
 Mano, escreve sobre o senador na
 retroescavadeira³⁹

³⁹

Leia

em:

<https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2020/02/19/senador-cid-gomes-tenta-entrar-em-batalhao-da-policia-com-retroescavadeira-e-e-baleado-com-tiro-de-bala-de-borracha.ghtml>

Amô · 15:47

As coisas estão MT surreais, quando vc vê corre o risco de estar torcendo para policial. Rs

Deixa a PM trabalhador fazer greve... Não péra... Digo... A esquerda do twitter está em pane. Tipo bug do milênio

Mas aí eliminam mais alguém no BBB e tudo volta a paz polarizada de antes.

Sane · 15:52

E aí cancela o carnaval

Amô · 15:18

Pois é... é o Fim do mundo novamente.

Sane · 15:19

Foi bom te conhecer

Amô · 15:23

Foi ótimo. Até a próxima...

EPÍLOGO

Minha mãe mal abre o portão e a vizinha começa a contar entusiasmada sobre o último capítulo da novela, a filha dela fica lá rodeando as duas pedindo atenção enquanto a mulher segue animada dizendo que chorou demais quando libertaram os escravos, os negros seguindo seu próprio destino, que achava que Rodolfo devia ter ficado com Sinhá moça, que este negócio de carreira política na capital da Província não estava com nada. Minha mãe gosta de política tanto quanto desgosta de novela, mas não diz nada na hora, porque gosta da vizinha e no mais sabe que depois das novelas vêm as notícias. Aqui em casa não tem tevê e a minha mãe acompanhava as notícias televisivas por tabela pelos relatos da vizinha. A filha da vizinha que no momento não gostava de nada, vendo a mãe engatar em mais um assunto pede para me pegar no colo, ela gostava de brincar comigo como se fosse uma boneca. Eu não gosto nada da ideia, mas ninguém em perguntou o que eu queria.

A mulher seguiu de contar dos desfechos dos personagens: alguém engravida, alguém faz as pazes com o pai, alguém morre... coisas de fim de novela, mas o que ela mais gostou foi que os negros seguiram seu próprio caminho, livres, senhores do seu destino. A vizinha conta com cara de desaprovação sobre as notícias que vira na televisão, histórias de política, passeata e manifestação na capital do país. Confusão em Brasília, um badernaço⁴⁰, cenário de guerra, dizia. Carro pegando fogo. Gente sendo presa.

A criança me pega no colo e me leva para longe de minha mãe e da política do país. Olha nos meus olhos e me chama pelo nome. Eu me incomodo com o modo como o pronuncia. Não reconheço meu nome na boca dela. Meu nome é Amô e não Amorr com este tanto de erre no final que mais faz parecer que está grunhindo. A minha irritação é tanta que se assenta nas pernas. Balanço elas sem parar agora. A criança vizinha tenta me acalmar balançando seu próprio corpo num vai e vem. Num sobe e desce. Fico sem ar com o movimento, quero gritar, mas acabo rindo. Ela acha que esta é a deixa para fazer repetidamente o mesmo movimento. Sobe, desce, sobe, desce. Algo vai mal, todo o conteúdo do meu estômago sai em jato no colo dela, suja toda sua roupa. A criança começa a chorar e distancia meu corpo do dela, aquela gosma respinga no chão. Um cachorro late. Eu aponto. O

⁴⁰ Em 27 de novembro de 1986. Dia em que a Esplanada dos Ministérios se tornou palco do maior descontrolado popular e de um dos confrontos mais emblemáticos de Brasília, conhecido como “Badernaço” – uma manifestação que levou ao centro da capital federal donas de casa, representantes sindicais e de movimentos estudantis do DF para reivindicar, entre outras coisas, a revogação do pacote econômico da época, o Cruzado II

cachorro lambe o resto. Ninguém vem em nosso socorro. Nossas mães continuam no portão focando sobre fictícia política dos outros. Ela continua a chorar, sinto que vou aguar também, tento segurar o choro franzindo os lábios. O corpo estremece, não sei se o dela ou o meu. Resmungo. Tento lembrar de respirar pelo nariz, a boca tinha o hábito de ficar entreaberta, vazando saliva. Tudo o que consigo fazer é levar a mão a boca tempo o suficiente para a saliva não alcançar o queixo. Uma agonia. Estendo a mão na direção do portão de casa. Na direção de minha mãe, mas ela não vem.

O choro sim.

Eu não sei se você está familiarizado com a arquitetura das casas da periferia, as fotos e notícias televisivas não fazem jus, e a visão de quem passa ao largo na velocidade dos carros, também não. Tem coisa que você só vai perceber se estiver deitada em um colchão no chão em um dia de verão. Dizem que o ar frio se condensa no chão e que a superfície do piso manteria uma nesga de frescor. É mentira. Mesmo no chão faz calor. Principalmente quando a casa não possui ventilação cruzada, quando as janelas dão para as paredes da vizinha, quando o respiradouro não deixa passar o ar. Nesta conformação espacial, o ar não passa o suficiente para refrescar, mas as vozes e sons passam como se não houvesse obstáculos. Mas o que eu sei de física, termodinâmica ou arquitetura? Nada, mas sei da maneira que meu corpo sente o calor excessivo. E pouco me importa se a minha experiência coaduna ou não com os fatos científicos de vocês. Mas pouco importa vocês, aliás. Porque agora eu tenho dez anos e estava deitada no chão, não passava um vento, e as vozes dos vizinhos e os sons da vizinhança estavam tão altos que retumbava dentro.

De fora vem uma barulheira que começou apenas com um ruído arrastado, um atrito trepidado, uma matéria arrastando em uma superfície desnivelada, movimento lento e intercalado, começava e parava. Não sabia o que era, mas me irritava. Acontece que, quando no seu entorno algo te irrita, já não é possível desvincular o ouvido do som, né não? O mundo inteiro passou a ser aquele ruído, quase não sentia mais calor. Eu começava a ouvir nuances, percebi que o chiado era acompanhado de um som metálico. Ergo meu corpo, me inclino à janela, foco a atenção e espero. O som de atrito para com um baque oco, seguido de outro baque de metal e logo depois de um choro. Tento passar minha cabeça pelo vão para ver o que acontecia não consigo. Só escuto a voz da vizinha gritando o nome de minha mãe e depois as

passadas rápidas dela na direção do choro. Uma criança chorava alto, aos soluços. Escuto a voz feminina falar ‘vamos levanta, vamos tentar de novo’. A firmeza daquela voz tem um tom materno. Um tom que eu achava que ela só usava comigo. Mas não. Quem era esta que agora ganhava a atenção dela? A gente tinha acabado de se mudar de novo. Já era a terceira vez nos últimos dois anos. E minha mãe já fez amizade, era destas. Esta criança que roubou a atenção dela só poderia ser uma menina magrela com a pele preta rajada de cinzas e poeira, marcas de lágrimas secas e catarro na cara. Porque este era o tipo de criança que costumava atrair para perto em todas as casas que moramos. E além do mais estas áreas periféricas onde habitamos até podem diferir entre si, de lugar a lugar algo muda, cada qual tem suas histórias e habitantes, mas tem sempre alguma coisa em comum: toda casa destas periferias tem criança. Toda casa tem uma criança preta. Do lado de fora da casa minha mãe repetia vai tenta de novo. Coragem. Você consegue.

Quando ela finalmente volta para casa eu pergunto séria. Quando você vai me ensinar a andar de bicicleta? Quando você tiver idade o suficiente para encarar esta cidade.

Quinta ou sexta mudança? Perdi as contas. Este ano era a terceira. E esta mudou tudo. Mudou tudo porque quem mudou foi ela. Ela mudou e eu fiquei para trás. Eu fiquei.

Mamãe, chorando no quintal me contou que mamãe não é seu nome real. Que tinha uma vida antes de mim. E que precisava ter uma vida depois de mim também. Precisava ir, mas que logo voltava para me buscar. Logo voltava. Logo.

Daí eu fiquei junto com as coisas que ninguém sabe bem o que fazer, mas que guardam por apego ou nostalgia. Eu fiquei sentada no portão com a vizinha que me acolheu. E que me acarinhava os cachos enquanto eu já nem tinha lágrimas para chorar.

Fiquei lá com aquelas coisas miúdas de verdade que todo mundo gosta de ter, mas que não vale a pena carregar quando mudam. Fiquei lá junto com os cadernos de evidências rasurados com poemas, entradas de cinemas que ela comprou e não fomos, pois chegamos atrasadas como sempre. Junto com o carimbo de ausente nas minhas cadernetas escolares, com os boletins cheios de nota vermelha, aquela bola fora que fez mamãe brava, com as fotos de aniversário, nesta mamãe sorri mas em outra fazia bico. Fiquei junto com o fusca bege onde logo aprenderia que nunca iria dirigir, junto com um pacotinho de areia onde íamos toda segunda feira de verão, conchas em cacos, anúncio de perfumes caros da Avon - se passar na

pele o cheiro dela ainda está nele, tudo junto em mais três malas de entulhos, encapamos com papel pardo, etiqueta com seu nome, matéria e serie, e uma borda rosa de papel crepom, segura tudo com barbante, assobiam o ambulante diz que está tudo a venda, mas se quiser, leva de graça, nossa vida nestas caixas.

Mamãe lá fora entra em um carro e parte, levando tudo que te cabe, um endereço no futuro, escova de dente, uma pirâmide de cristal, a solidão em três metades.

E foi aí que percebi que já tinha idade o suficiente para saber que tudo, absolutamente tudo, é para sempre.

Não pense você que ela não gostaria de ter ficado. Eu não a culpo pela ida. Não trabalho com culpa. Não me importa quem pecou primeiro. Do que aconteceu antes, do que motivou da ida, de quem ela era que precisava tão urgentemente retomar não sei. Aliás, não sei quase nada, mas não preciso saber. Tenho certeza de que foi questão de coragem. Era isso que ela me falava todo dia quando vinha me acordar pela manhã. Coragem, Amô. Coragem para acordar e enfrenta o dia? Vamos acordar que a cidade tem fome. E ria. Ria enquanto eu resmungava por mais cinco minutinhos de sono. Ela tinha coragem. Sempre teve. Coragem para fazer o que é necessário. Já eu morro de medo até de desgarrar da cama quando o sono é tanto. A mãe nova tenta me fazer entender, diz que às vezes é preciso ir, que esta é uma violência necessária. Ir. Uma violência. Se desgarrar da terra quando esta não te alimenta mais. Eu entendo, ou finjo que entendo. O que não entendo é por que não me levou com ela?

Depois que ela foi embora. Eu não tinha medo de nada. Nada mais podia me abalar. Eu olhava as pessoas nos olhos. Olhava as coisas no fundo. Agarrava com as mãos pequenas o grande da vida. E não largava. Não tinha medo de cair. Não tinha medo de não levantar. Eu sabia uma coisa que antes ignorava. Eu tinha um segredo. Eu sabia que as coisas acabavam. É que a gente continua. Sabia que o mundo não era seguro. Tudo podia desabar. Mas a gente continua. Mas será que ela volta?

No dia em que quebrei o braço brincando de pique bandeira. Doeu muito. O estalo do osso me assustou. A dor só veio depois do susto. Da dor nem lembro, mas do barulho para sempre. Eu mordi a bochecha tentando não gritar. Mas aí a ideia veio. Se eu gritasse bem alto.

Se eu chorasse de dor. Ela ia me escutar. E teria que vir. Porque é isso que as mães fazem, não é? Elas vêm. Daí Eu gritei. Eu gritei tanto. Até que a garganta doesse mais do que o braço. Para que ela ouvisse e percebesse o que acontece na minha vida quando ela não está vendo. Está vendo. Quando você não está aqui. Eu me machuco.

Cinco anos se passaram e ela nada. Calma, pode ser que ainda venha. Talvez. Se não vier a gente lida com que fica. Ou quase. Cinco anos se passaram e eu aqui. Raiva. Que deus te guarde. Não foi só você que errou. Certeza. Mas não entendi por que você foi, nem porque te espero voltar. Talvez seja pelo cheiro que ficou na roupa de cama. A gente aqui passou por muitas coisas ao mesmo tempo. Muita história.

Mãe nova me conta histórias dela com a outra. Fala da cidade que dividiram, dos bares que frequentavam, dos amigos. Acho que espera que eu cultive na memória mais amor do que rancor. Às vezes funciona. Hoje não. Hoje a história que ela me conta só serve para evidenciar distâncias. Fala da cidade e da juventude delas como se fosse a mesma em que eu vivo hoje. Não é. O tempo maculou as estradas e bem mais que isso. Bem mais. O tempo cingindo o terreno. O cinema que elas frequentavam quando criança, agora é igreja evangélica. O baile em Rio das Pedras que mãe nova me proíbe de ir não é, nem de longe, o mesmo no qual elas colhiam olhares de reprovação quando andavam de mãos dadas. Eu falo. Eu digo. Que agora ninguém se importa com isso. Mas ela segue falando como se as gerações não tivessem modificado as ruas, as vidas, os muros. *O muro da separação serve supostamente para resolver o excesso de presença, a qual se diz causadora de insustentáveis sofrimentos, Resgatar o sentimento de vida depende, desde logo, da ruptura com aquele cuja ausência, e até o puro e simples desaparecimento, jamais será vivida com perda. Passa também por admitir que entre eles e nós não há nada me comum*⁴¹.

Naquela madrugada eu fui para cama pensando nos olhos dela. Tentando não esquecer. Não esquecer o modo como me beijava a testa e me acarinhava os cachos e pedia por coragem.

⁴¹ MBEMBE, 2017, p. 79

Tive um sonho que mais parecia lembrança. Hoje. Sonhei com um homem de cabelo branco. Acho que era Vô seu nome. No sonho ele se embrenhava no mato. Voltava de lá com uns pedaços de cana, coquinho e mangas. Entrava na cozinha e se punha a fritar pão para as crianças todas da vizinhança e distribuía as frutas também. Vô parecia ter mania de comida muita, dizia que tinha que alimentar o peão que morava dentro de si. O peão que um dia foi, a fome não se aposenta.

Ia tirando da sacola as frutas uma a uma, nós espanávamos a poeira e o melado com as unhas. Lavar era luxo que criança apressada não queria saber, amassávamos a fruta para desfazer o sumo. Um buraquinho com o dedo e sugávamos o suco. Diminuía a lambança na blusa e a fruta tinha gosto de verde da casca. Provávamos tudo. Até sobrar só o caroço cabeludo que penteávamos com os dentes até ficar branco ancião. Nós tomávamos café enquanto ele almoçava. Nosso desjejum era a sua sobremesa. Estávamos na sombra do seu tempo.

Perguntei para mãe nova quem era este tal de Vô. Ela disse que num tem avô nenhum que minha mãe sempre foi sozinha. Que de família só tinha eu, ela e as outras vizinhas.

Noite seguintes sonhei bem lembrado com o mar. Acordei sabendo que eu era litorânea. Sentindo o calor forjar meus modos. Areia e sal na pele e no cabelo. Emaranhados no dentro. Ainda que eu não saiba nadar. Agora tenho certeza que do lugar que vim primeiro fora o mar. Eu sou litorânea. Acho que sou. Pergunto a mãe nova. Ela ri e diz que a praia mais perto fica a quatro conduções daqui. Mas eu tenho certeza. Sonhei bem lembrado que o mais perto que cheguei de casa fora o mar. Calunga grande, era o nome. E que *Saindo de lá, o que estava cravado para os que foram atravessados era a perspectiva do não retorno. Para os que ficaram do lado de lá restava a memória dos ancestrais que saíram para não retornar. Para aqueles que atravessaram a Calunga ficam as memórias de outro tempo a serem reivindicadas para substanciar a invenção de uma nova vida*⁴².

Lembro que sei. Sei por que lembro. Mãe nova me desacreditava. Lembro de olha para cima, e a mãe é um borrão de sorriso e sol. ‘Mãe, quando vamos voltar para casa?’. Estamos em casa, ela dizia. Estamos em casa.

⁴² RUFINO, 2019, p. 15

Ele chega pelas sombras e a empurra contra a parede sem dizer nada. As companheiras em marcha se distanciavam. Das palavras de ordem apenas eco. O botão da camisa dela cedendo sob o dedo dele. Os cartazes que ela carregava nos braços caindo no chão. Ela tentando se afastar. Ele a prendendo em um abraço desajeitado, forte o suficiente para imobilizá-la. Ele força a boca contra a dela rasgando as palavras no meio. O beijo fazendo um vão. Um vão entre mim e ela. Eu que não estava lá, mas tava. Gritava e esperneava. Só para acordar toda molhada de suor em casa. Com o grito engasgado ainda. E a lembrança sonhada dela tentando pedir para ele parar, que a deixasse voltar para casa. Ele era mais forte do que ela. Ela fechou os olhos e sussurrou: coragem, Amô.

E eu nem estava lá. Mas tava.

No dia seguinte anunciei que não sairia mais de casa. Mãe nova me perguntou por que, mas eu não sabia explicar. Só repetia que não ia voltar. Não, não e não. Não ia voltar. E não voltei. Não voltei por dois meses. Ela tentou de um tudo, me chantagem, castigo, grito, surra de cinto. Até o Conselho tutelar bateu aqui em casa. Mas nada adiantou. Ela não me convenceu.

Eu chorava escondida. Mãe nova fingia que não notava. Até que não pode mais fingir. Não sei o que mudou, mas numa noite entrou no meu quarto, interrompeu meu pranto para dizer que não queria mais me ver chorar. Eu não quero mais te ver chorar. Eu não quero mais te ver chorar. Nunca mais. Nunca mais. Ela repetia, enquanto chorava bem mais que eu.

Ainda ontem quando ela secava minhas lágrimas e derramava as dela eu pensei que talvez fosse isso que fosse amor: alguém que te olhasse nos olhos, desejasse sem temer na ficção de que, um dia, nunca mais choraríamos. Amô seria aquele alguém que desejasse para você o fim de toda dor. Mesmo que por uma noite. Alguém. Esta pessoa não veio. Esta pessoa não veio de novo. Mas ela está aqui. Ela ficou aqui e esta noite não choramos. No dia seguinte ela me entregou, sem muita cerimônia, sem dizer nada, um pedaço de papel um endereço.

Na primeira carta eu disse apenas: Sou eu sua filha: Teve aula de artes e eles ensinaram como pintar com guache. Eu pinte nossas casas.

Foi uma artimanha de mãe nova. Um artifício. Uma malandragem. Coisa que de quem ama. Lancei-me à escrita conjugando rua e casa via verbo. E a coragem veio.

M.,

Sonhei a semana inteira que estava fugindo da sala de aula. Fugindo não, saindo. Saindo da Universidade. Eu simplesmente levantava me despedia das caras conhecidas e saía no meio da aula. Ninguém tentava me impedir. Nem professor, nem aluno, nem segurança.

No primeiro sonho saí do Campus e fui a praia. Da segunda fui para na Quinta da Boa vista. Da terceira me sentei sozinha no pilotis vazio. Esperando sei lá o que, sozinha. Em uma das vezes eu era professora a vida. A turma seguia sentada e não ligava para a minha ausência. Assim que saía da sala a sensação era de alívio. Acho que eles não gostavam muito de mim. Eu parecia não estar gostando deles no momento. Meus sonhos seguem imitando a vida, você sabe.

Sabe, neste lugar desaprendi tanta coisa. A última coisa que desaprendi foi a gostar daqui. Ultimamente sala de aula não tem parecido lugar feito para gostar.

Outro dia eu tentava ensinar algo sobre a história da psicologia no Brasil e uma aluna se emocionou contando que ela tinha quase sessenta anos e tentava terminar esta graduação pela quarta ou quinta vez, das outras vezes o Brasil não deu folga. Uma das vezes fora culpa do clima político. Outras foram as Greves e paralisações. Depois a vida, a família e as obrigações. Depois o clima político, os golpes e ocupações. Depois a cara do curso, as ementas, bibliografias. Ela não entendia de nada um quase do que está escrito naqueles livros. Depois eram os professores que tinha algo a ver com isso.

Depois ela começa a considerar que tenha algo a ver com ela. Se terapeutiza por anos e volta a arena. Talvez as histórias lacrimejosa dela sejam coisa boba e pequena frente ao tanto de dilema que esta arena nos impõe. Mas eu só lembro de mãe nova dizendo *Professores devem descobrir o que os*

*estudantes sabem e o que precisam saber*⁴³, ela repetia isso sempre para mim quando voltava para casa no final de semana. Ficava ali me perguntando. O que é que você precisa saber agora, Amorrrr? Descubra e cobre dos professores. Ela me chamou assim até o fim da vida. Amorrrr, com este tanto de erre no fim.

Depois que eu saí de casa ela nunca mais falou de você. Mas ainda guardava num cantinho escondido do quarto e uma foto de nós três. Uma em frente da praça na esquina de casa. Se você estivesse aqui eu sei o que me diria. Que me apoiaria qualquer fosse a decisão que eu tomasse, mas iria pedir para eu não abandona a Universidade agora não. Diria que o presente ainda pode me surpreender e que o futuro já está em nós.

Coragem, Amô.

⁴³ Hooks, 2020, p. 26

REFERÊNCIAS

- ANZALDÚA, G. Viver nas fronteiras significa que você. *Mandrágora*, v. 16, n. 16, p. 113-114, 2010. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MA/article/viewFile/2049/2020>. Acesso em: 21 agosto 2020.
- BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas, Vol. 1, 7a edição, Editora Brasiliense, 1994.
- CAMPOS, V. A. S. *Linhas de cuidado e militância: enlaçando os ventos de uma psicologia preta*. 2022. Monografia (Graduação em Psicologia) - Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, 2022.
- CARVALHO, C. A. *Para dizer o que se cala: gritos, escritos e ecos do silenciamento*. 2020. Monografia (Graduação em Psicologia) - Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, 2020.
- COLLINS, P. H. *O pensamento feminista negro*. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.
- CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Rev. Estud. Fem.*, vol.10, n.1, pp.171-188, 2002. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2002000100011&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 21 agosto 2020.
- Facebook. OCUPAÇÃO PRETA UFF. Facebook: @ocupapretin
- Facebook. SEMANA DE PSICOLOGIA PRETA E INDÍGENA UFF. Facebook: @uff.psiparalela
- FANON, F. *Os condenados da terra*. Minas Gerais: Editora UFJF, 2015.
- FANON, F. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Bahia: Editora UFBA, 2008.
- FERREIRA, M. S. Sobre escrever cartas. In: BERNARDES, A. G.; TAVARES, G. M.; MORAES, M. (Orgs.) *Cartas para pensar: políticas de pesquisa em psicologia*. Vitória, EDUFES, 2014.
- FOUCAULT, M. *Coragem da verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- GAGNEBIN, J. M. *Lembrar, escrever, esquecer*. Editora 34, 2006.
- GERMANO, I. M. P. As ruínas da cidade grande: imagens da experiência urbana na literatura brasileira contemporânea. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, ano 9, n. 2, p.425-446, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v9n2/v9n2a11.pdf>. Acesso em: 21 agosto 2020.

GLÁUCIA, M. TEIXEIRA, A. Senador Cid Gomes tenta entrar em batalhão da polícia com retroescavadeira e é baleado. *GI*, 19 de fevereiro de 2020, Ceará. Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2020/02/19/senador-cid-gomes-tenta-entrar-em-batalhao-da-policia-com-retroescavadeira-e-e-baleado-com-tiro-de-bala-de-borracha.ghtml>. Acesso em: 06 de março de 2022.

hooks,b. *Yearning: Race, Gender, and Cultural Politics*. South End Press, 1990.

hooks, b. *Pedagogia engajada*. In: hooks, b. *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*. pp. 25-28. São Paulo: Editora Elefante, 2020.

KRENAK, A. *Como adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LORDE, A. As ferramentas do senhor nunca vão dismantelar a casa grande. In: LORDE, A. *Irmã Outsider*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

LORDE, A. *Textos escolhidos de Audre Lorde*. Difusão herética, 2009.

MBEMBE, A. *Políticas da inimizade*. Lisboa: Antígona, 2017.

MEDEIROS, D. B. *Viajantes: passado, presente e afrofuturo*. 2020. Monografia (Graduação em Psicologia) - Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, 2020.

MIZOGUCHI, D. H. Epistemologia da estrangeiridade: abertura de e do mundo. In: FERREIRA, M. S. & MORAIS, M. (Orgs). *Políticas de pesquisa em psicologia social*. Rio de Janeiro: Nova Aliança Editora e Papéis, 2016, p. 27-47.

NASCIMENTO, T. *Oriki de amor selvagem: todos os poemas de amor preto (ou quase)*. Brasília: Padê, 2020.

PALMA, D. As casas de Carolina: espaços femininos de resistência, escrita e memória. *Cad. Pagu*, Campinas, v. 51, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cpa/n51/1809-4449-cpa-18094449201700510016.pdf>. Acesso em: 21 agosto 2020.

PELBART, P. P. Da Guerra civil. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 70, n.esp., p. 190-198, 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672018000400016&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 21 agosto 2020.

PELLEJERO, E. Justiça poética. A Literatura além do ponto final. *Guavira Letras*, Três Lagoas/MS, n. 20, p. 39-48, jan./jun. 2015. Disponível em: <http://websensors.net.br/seer/index.php/guavira/article/view/376>. Acesso em: 21 agosto 2020.

PEREIRA, K. R. W.; SOUZA, F. Z. D. Diáspora, exílio e memória nas literaturas africanas em língua portuguesa. *Miscelânea*, Assis, v. 19, p. 283-302, 2016. Disponível em:

<http://seer.assis.unesp.br/index.php/miscelanea/article/view/67/66>. Acesso em: 07 março 2022.

PUCHEU, A. Literatura, para que serve? In: CASTRO, M. A. (Org.). *A construção poética do real*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004, p. 224-242.

RANCIÈRE, J. *A partilha do sensível*. São Paulo: Editora 34, 2005.

REAGON, B. J. Coalition Politics: Turning the Century. In: SMITH, B. *Home Girls: A Black Feminist Anthology*. New York: Kitchen Table: Woman of Color Press, 1983, p. 357-368.

ROLNIK, S. *Cartografia sentimental*. São Paulo: Estação Liberdade, 1990.

ROSARIO, L. M. *De objeto a profissional implicada: Notas de uma formação-intervenção em saúde mental*. 2019. Monografia (Graduação em Psicologia) - Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, 2019.

RUFINO, L. *Pedagogia das encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SANTOS, K. G. *"To Cheio de Ódio": Da potência do ódio para balançar as estruturas das medidas sócio punitivas à Atenção Psicossocial*. 2019. Monografia (Graduação em Psicologia) - Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, 2019.

SONTAG, S. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SOUZA, L. F. *Reduzindo danos do racismo: escrevivências de uma psicologia racializada*. 2020. Monografia (Graduação em Psicologia) - Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, 2020.

SOUZA, M. L. *A prisão e a ágora: Reflexões em torno da democratização do planejamento e da gestão das cidades*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2006.

TRUTH, S. *To the preachers (The Second Advent Doctrines)*. Disponível em: [https://allpoetry.com/ToThe-Preachers-\(The-Second-Advent-Doctrines\)](https://allpoetry.com/ToThe-Preachers-(The-Second-Advent-Doctrines)). Acesso em: 08 Maio 2020.

XAVIER, G. Feminismo: direitos autorais de uma prática linda e preta. *Folha de São Paulo*. São Paulo. 19 de julho de 2017. Disponível em: <https://agoraquesaoelas.blogfolha.uol.com.br/2017/07/19/feminismo-uma-pratica-linda-e-preta/>. Acesso em: 21 agosto 2020.

ZAIDENWERG, E. A tarefa do tradutor (de poesia). In PERNAMBUCO, *Ensaio investiga os territórios criados pela poesia lésbica negra*. Recife: Editora Cepe, maio de 2020.